

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

O PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO AMAZONAS

Laura Regina Nascimento Egas

Manaus

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

O PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO AMAZONAS

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção de título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Laura Regina Nascimento Egas

Orientador: Prof. Dr. Mauro Thury de Vieira Sá

Manaus

2010

Ficha Catalográfica (Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

E28p

Egas, Laura Regina Nascimento

O padrão de especialização das exportações do Amazonas/
Laura Regina do Nascimento Egas.- Manaus: UFAM, 2010.
68f.; il.color.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) —
Universidade Federal do Amazonas, 2010.

Orientador: Profº Drº Mauro Thury de Vieira Sá

1.Comércio exterior 2. Padrão Especialização 3.
Exportações – PIM I. Sá, Mauro Thury de Vieira (Orient.) II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU (1997) 339.5.012(811.3)(043.3)

LAURA REGINA NASCIMENTO EGAS

O PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO AMAZONAS

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Aprovado em 27 de fevereiro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mauro Thury de Vieira Sá
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Luiz Roberto Coelho Nascimento
Universidade Federal do Amazonas

Prof^a Dr^a Fabiana Lucena Oliveira
Universidade Federal do Amazonas

A minha mãe Ivanilda,

Dedico

AGRADECIMENTOS

A FAPEAM, pela bolsa de mestrado;

Ao Mauro Thury, pela oportunidade de participar do projeto APL;

*Ao Pery, pela possibilidade de participar da pesquisa sobre Qualidade de Vida no
entorno da REMAN;*

Ao Luiz Roberto, pelo apoio;

A minha família: pai e irmãos;

A minha nova família: meu amado esposo Helder e os dois curumins;

*Ao Mauro, meu orientador, e seu programa-tradutor, cuja importância foi
fundamental na realização deste trabalho;*

*Aos amigos, em especial à Turma do Funil (Anderson, Janaína, Fábio, Melise, Luiz)
e a outros que tiveram participação indireta; e por fim*

A Deus.

Você nunca sabe que resultados virão da sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados.”

Mahatma Gandhi

LISTA DE SIGLAS

ALADI	Associação Latino-Americana de Integração
ALCA	Associação de Livre Comércio das Américas
CARICOM	Caribbean Community and Common Market
CUCI	Classificação Uniforme do Comércio Internacional
CEPAL	Comissão Econômica para América latina
H – O	Heckscher-Ohlin
MCCA	Mercado Comum Centro Americano
MERCOSUL	Mercado Comum do Cone Sul
MDIC	Ministério do Desenvolvimento e Comércio Exterior
OTCA	Organização do Tratado de Cooperação Amazônica
SEPLAN	Secretaria de Planejamento Econômico do Estado do Amazonas
SC	Saldo Comercial
SPEVEA	Superintendência do Plano de Valorização do Amazônia
SUFRAMA	Superintendência da Zona Franca de Manaus
PIM	Pólo Industrial de Manaus
TEC	Tarifa Externa Comum
VCR	Vantagem Comparativa Revelada
VCRS	Vantagem Comparativa Revelada Simétrica

LISTA DE TABELAS, QUADROS E FIGURAS

TABELA 01	ÍNDICE DE VANTAGEM COMPARATIVA SIMÉTRICO	33
TABELA 02	ÍNDICE DE CONTRIBUICAO AO SALDO	34
FIGURA 1A	PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS GRUPOS DE EXPORTAÇÃO DO AMAZONAS NOS TOTAIS DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS	35
FIGURA 2A	TAXA DE CÂMBIO REAL E EFETIVA	40
FIGURA 3 A	EXPOTAÇÕES DO AMAZONAS	41
TABELA 03	DESTINAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO AMAZONAS - 2006	44
TABELA 04	DESTINAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO AMAZONAS - 2006	45
FIGURA 3	EXPORTAÇÕES DO AMAZONAS	46

RESUMO

O comércio exterior, por meio das exportações, representa um dos instrumentos mais importantes do desenvolvimento regional e a identificação do padrão de especialização das exportações de uma economia, revela de certa forma, o potencial tecnológico da mesma, permitindo o estabelecimento de políticas e outras ações necessárias para o crescimento econômico, requisito fundamental do desenvolvimento social. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o comércio exterior do Amazonas, considerando a inserção das exportações no mercado mundial, tendo como principal ferramenta desta análise a determinação do padrão de especialização para o período envolvido no estudo. A fim de mensurar a especialização e a inserção dos produtos amazonenses exportáveis no mercado externo, será calculado o índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica - VCRS e o Saldo Comercial - SC. A escolha desses dois indicadores visa uma análise mais completa dos dados de exportação e importação de uma determinada área. O VCRS trata do nível de especialização o SC configura-se um viés das importações do local analisado. Neste trabalho o que se pôde verificar foi o destaque nas exportações do setor primário e das manufaturas que, em desagregação, indica o setor eletroeletrônico como o mais dinâmico. Porém, mesmo que os índices de VCRS mostrem vantagem comparativa para este setor, o mesmo apresenta índices de CS negativo, ou seja, baixa contribuição ao saldo da balança comercial local. Este fenômeno está associado ao fato de que muitos produtos eletrônicos exportados, importam insumos que são utilizados em sua própria fabricação, caracterizando uma economia importadora, observando que a ZFM, em sua concepção, estava inserida em um contexto de políticas públicas de desenvolvimento, e, portanto, tinha caráter de área destinada a importação.

Palavras-chaves: exportações, padrão de especialização, PIM.

ABSTRACT

The foreign trade through exports, representing one of the most important instruments of regional development and the identification of the pattern of export specialization in an economy, reveals to some extent, the technological potential of the same, allowing the establishment of policies and other actions necessary for economic growth, a fundamental condition of social development. Thus, the objective of this research is to analyze the foreign trade of the Amazon, considering the inclusion of exports in world markets, the main tool of this analysis to determine the pattern of specialization for the period involved in the study. In order to measure the skills and the integration of Amazon exportable products in foreign markets, the index is calculated Revealed Symmetric Comparative Advantage - VCRs and Trade Balance - SC. The choice of these two indicators aimed at a more complete analysis of the data export and import of a particular area. The VCR is the level of specialization SC sets up a bias of imports of the site analyzed. In this study we could verify what was the highlight of the primary sector exports and manufactures, in breakdown indicates the electronics sector as the most dynamic. But even if the rates of VCRs show comparative advantage for this sector, it presents indices of CS negative, ie, low contribution to the balance of local business. This phenomenon is related to the fact that many electronic products exported and imported inputs that are used in its own production, featuring an importing economy, noting that the ZFM, in his view, was inserted in a context of public policy development, and therefore had the character of the area for import.

Key-words: exports, specialization patterns, PIM.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
1.1	REVISÃO DA LITERATURA	15
1.2	Teorias do Comércio Internacional e Padrão de Especialização	15
1.3	A Contribuição da Escola Cepalina.....	17
1.4	Teorias de Desenvolvimento regional com ênfase nos fatores de aglomeração	22
2	Alguns aspectos da economia amazonense.....	24
2.1	O papel da SUFRAMA no desenvolvimento do Estado	26
2.2	A abertura econômica	27
2.3	Incentivos as exportacoes e a questão da taxa de câmbio.....	29
3.	METODOLOGIA.....	30
3.1	Saldo Comercial.....	33
3.2	Dados da Pesquisa e Informações Adicionais	35
4.	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	38
4.1	ANÁLISE CONJUNTA DOS ÍNDICES CRS E CS.....	42
4.2	Análise das exportações do Amazonas quanto às destinações.....	48
5.	CONCLUSÃO.....	52
6.	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICE.....	57

1. INTRODUÇÃO

O comércio internacional tem sido uma fonte de crescimento econômico para muitas economias em todo mundo, principalmente nas economias desenvolvidas. No caso particular da Amazônia, desde os tempos coloniais, o comércio internacional foi um determinante em alguns momentos, e noutros um condicionante do crescimento da renda regional. O comércio internacional foi muito importante na promoção e viabilização econômica e social de projetos de investimentos produtivos mediante a extração de riquezas naturais e na geração de emprego.

Em face da extração de borracha, de castanha-do-pará, de madeira, de peixes, de óleos, frutas nativas e de fibras vegetais, esse conjunto de recursos naturais possibilitou engendrar o intercâmbio extra-regional da economia amazonense, de tal monta que se configurou em uma fonte de complementação e integração produtiva para outros parceiros comerciais. A predominância de produtos originários do extrativismo vegetal na pauta de exportação do Amazonas verifica-se até os anos 1970. No entanto, em uma política definida pelo governo federal para o desenvolvimento do setor, o extrativismo cedeu espaço para outros setores mais dinâmicos que se formaram com o aporte de política de incentivos fiscais à produção, como é caso da indústria de transformação do Pólo industrial de Manaus.

A indústria, além de trazer dinamismo e crescimento econômico para a economia da região, também tem feito esforço no sentido de ampliar o mercado internacional para seus produtos, principalmente no segmento eletrônico e de duas rodas.

A possibilidade de a economia amazonense vir a sustentar, no longo prazo, saldos positivos na balança comercial, em relação ao exterior, estará associada a uma combinação de fatores: i) a maior inserção da produção local no comércio internacional, sem dúvida, depende do nível de competitividade que envolve qualidade tecnológica incorporada aos produtos, ii) melhorar a estrutura logística de distribuição e iii) preços competitivos, variação cambial favorável além da manutenção do ritmo de crescimento da economia mundial.

Atualmente, as economias dos países desenvolvidos buscam sair de uma crise que atingiu um dos maiores mercados consumidores mundiais – os Estados Unidos – e como já era de se esperar, por se tratar de uma economia globalizada, espalhou-se rapidamente a outros países, delineando um quadro de recessão mundial.

Tanto o Brasil quanto o Amazonas não ficaram imunes aos efeitos deletérios da crise, que refletiu no nível de emprego, na arrecadação e nas exportações do Pólo Industrial de Manaus, que vem registrando queda desde 2005, segundo as estatísticas da SUFRAMA. Neste sentido ações que promovam o dinamismo do intercâmbio comercial dos produtos regionais contribuirá sobremaneira para um quadro de crescimento econômico.

As exportações do estado do Amazonas destinam-se a vários países, sendo que os principais parceiros comerciais são os que compõem o bloco do MERCOSUL e os Estados Unidos. No sentido de melhor visualizar os padrões de comércio e especialização, isto é, o que exportamos (e para quem) e qual o setor possui vantagem comparativa, respectivamente, este estudo representa uma oportunidade de verificação desses conceitos tendo como cenário os acordos comerciais, seja com países da América Latina ou da América do Norte.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o comércio exterior do Amazonas, considerando a inserção das exportações no mercado mundial. Especificamente procurar-se-á realizar uma análise do padrão de especialização no período 1989 a 2006 e dos destinos das exportações amazonenses em 2006.

O trabalho está dividido em quatro seções, sendo a primeira com introdução e marco teórico; a segunda tratará da descrição histórica da economia do Amazonas; a terceira consistirá na exposição da metodologia utilizada e a quarta tratar-se-á da discussão dos resultados e conclusão.

1.1 REVISÃO DA LITERATURA

Para compreender a natureza do comércio internacional é aconselhável partir de quatro princípios enumerados por Rainelli (2004 p.12): A) a análise dos fatos no âmbito do comércio internacional deve ter como suporte básico a história das trocas internacionais; B) é importante analisar com profundidade a capacidade interpretativa das teorias do comércio internacional; C) a intervenção do Estado nas relações econômicas constitui um fator importante para explicar muito do que ocorre no âmbito dessas relações; e D) são as empresas, ou as nações os verdadeiros agentes do comércio internacional, quem abastecem os mercados estrangeiros? Quem é que instalam filiais de produção no estrangeiro?

As teorias do comércio internacional, ainda que sejam originárias de escolas de pensamento distintas, contudo, trataram sempre de questões similares, tais como: (a) Qual é o ponto de partida na explicação dos fluxos internacionais? Isso implica explicar a especialização internacional; (b) como são formados os preços no comércio internacional? (c) o comércio internacional promove benefícios para ambos os países envolvidos nas trocas comerciais? (RAINELLI, 2004, p.37). Sejam de forma explícita ou implícita, as diferentes escolas tentam obter respostas para essas três questões.

1.2 Teorias do Comércio Internacional e Padrão de Especialização

Smith argumenta que a troca entre países se dá pelas diferenças dos custos de produção e também pela comparação dos custos absolutos. Resulta daí que um país importa produtos na hipótese de sua produção custar mais que a importação. O modelo de David Ricardo, vindo depois de Smith, acrescenta mais riqueza na explicação das causas do comércio internacional, pois introduz na análise os custos comparativos (RAINELLI, 2004)

Certamente, se um país A tem uma vantagem absoluta sobre outro na produção de um produto, e outro país B tem, em contrapartida, uma vantagem

absoluta sobre o país A, na produção de um segundo produto, então, ambos podem se beneficiar com o comércio. Por exemplo, se a cidade de Manaus só poderia produzir grãos (milho, feijão e arroz) a custos bastante elevados e produzir produtos eletrônicos a custos menores, e Rondônia produzir produtos eletrônicos a custos excessivos e, por sua vez, produzir produtos agropecuários, a troca de cereais por eletroeletrônicos beneficiariam ambas as regiões do norte brasileiro, pois Manaus se especializaria na produção de eletroeletrônicos e Rondônia na produção de grãos.

O Princípio da Vantagem Comparativa de David Ricardo, segundo SÖRDESTEN (1979) parte de uma indagação simples, por exemplo, o que aconteceria se um país A fosse mais produtivo que um país B para todos os produtos disponíveis no mercado, isto é, se produzisse todos os bens a baixos custos da força de trabalho do que o país B, como colocado por (SÖDERSTEN 1979), poderia haver comércio? A resposta de Ricardo é afirmativa, o comércio poderia ser realizado, pois, não é o custo absoluto que importa para esta teoria e sim os custos de se produzir um bem no país A em relação ao país B, ou seja custos relativos na produção dos dois bens em cada país.

Se, no modelo de David Ricardo, as diferenças do custo da mão-de-obra ou da produtividade do trabalho eram os determinantes do intercâmbio comercial. Todavia, no modelo de Heckscher-Ohlin afirma que cada país se especializa e exporta o bem que requer utilização mais intensiva de seu fator de produção abundante. O comércio é resultado da existência de diferentes dotações fatoriais, isto é, da abundância relativa de fatores de produção existentes em cada país. Explicando, há países que detêm maior estoque relativo de um fator de produção, por exemplo, capital vis-à-vis trabalho, do que seu parceiro comercial. O que o modelo H-O tenta responder é a inquietação do fato de dois países com tecnologias de produção e preferências de consumo muito próximas podem estabelecer intercâmbio comercial.

O modelo Teórico H-O é comumente formulado em termos de um modelo de dois fatores de produção, isto é, trabalho e capital. Assim a teoria diz que há países que tem uma relação capital / trabalho maior, enquanto que outros dispõem de mais mão-de-obra, levando-se em conta esse quadro, os países que são relativamente ricos em capital exportarão bens em capital-intensivo, e os que têm

mais mão-de-obra frente a disponibilidade de capital relativa, exportarão bens trabalho-intensivo (SÖDERTSEN, 1979 p. 61).

Apesar desses esquemas teóricos tratados acima serem bastante sofisticados, não explicam satisfatoriamente as relações comerciais contemporâneas, de modo que sofreram profundas críticas, em particular o modelo H-O. Como o estudo feito por Leontief cujo resultado foi paradoxal: os bens exportáveis dos Estados Unidos que se esperava ser intensivos em capital, eram mais intensivos em trabalho do que os bens importáveis. (Machado, 1997) Para a melhor compreensão da distorção do paradoxo devem-se levar em consideração fatores específicos como: mão-de-obra especializada, maior investimento em P&D, escassez de recursos naturais, barreiras tarifárias e forte demanda por bens intensivo em capital, capaz de superar a produção doméstica dos Estados Unidos, influenciando o perfil das importações (Baldwin Apud Machado 1997). Devemos considerar que o modelo H-O é uma simplificação da realidade levada ao extremo, pois considera as trocas comerciais apenas entre dois países. Apesar disso o Teorema de Heckscher-Ohlin, juntamente com a teoria das vantagens comparativas de Ricardo, constituem os principais arcabouços teóricos para a explicação da existência do padrão de especialização e conseqüentemente o comércio entre as nações. O desenvolvimento da teoria de H-O e a sua compreensão pressupõe a admissão das seguintes hipóteses: i) As tecnologias de produção são as mesmas nos países ; ii) a função de produção de um bem é intensivo em trabalho, enquanto que a do outro é intensivo em capital; iii) no país cujo bem é intensivo em capital há abundância desse fator e no outro país cujo bem é intensivo em trabalho possui abundância desse fator; e iv) as preferências são idênticas nos países que comercializam, isso posto pode-se então passar a formulação que será discutida mais adiante.

1.3 A Contribuição da Escola Cepalina

A contribuição da Cepal foi decisiva para o desenvolvimento latino-americano, e a estratégia de industrialização pela substituição de importações

estimulou o crescimento e criou mercados internos protegidos e, por conseguinte, lucrativos para o investimento do empresariado nacional. Contrariando a convicção convencional, o crescimento assim impulsionado não produziu ineficiências tremendas em escala econômica. Aliás, como destaca D. Rodrik (2000) Apud Bado (2004), o desempenho em produtividade de muitas nações da América Latina e da Ásia foi comparativamente exemplar. Portanto, como estratégia de industrialização destinada a aumentar o investimento interno e a produtividade, a substituição de importações funcionou muito bem num amplo número de países até pelo menos a metade da década de 70 (BADO, 2004).

A CEPAL contestou abertamente a Lei das Vantagens Comparativa e a inserção internacional das economias latino-americanas que, mantidas as condições do imediato pós-guerra, estariam condenadas a uma situação permanente de atraso.

A clássica análise da CEPAL, segundo Cardoso de Mello em seu trabalho *Capitalismo Tardio*, reside no exame da capacidade de diversificação do crescimento para fora, que consiste na aptidão do setor exportador (conjunto de empresas produtoras de certo produto primário de exportação) para criar um mercado interno mais ou menos amplo, pensado, exclusivamente, como mercado de bens de consumo corrente.

A industrialização induzida pela expansão das exportações encontrava, portanto, limites estreitos impostos pelo crescimento dos mercados gerados pelo setor exportador que, uma vez “ocupados”, tornariam a expansão industrial extremamente débil. No paradigma cepalino, o significado da passagem do “modelo de crescimento para fora” ao “modelo de crescimento para dentro” fica rigorosamente determinado: a dinâmica da economia deixa de estar presa à demanda externa, substituída pela variável endógena investimento, deslocando o eixo para dentro da economia.

Para Almeida Filho (2001) surge um relevante questionamento: Que condições fundamentais precisavam ser cumpridas para que a industrialização ocorresse? Era preciso enfrentar as limitações externas. Em primeiro lugar, para que não se produzisse na pauta de importações uma rigidez que não deixasse margem para a entrada de novos produtos e, especialmente, de bens de capital necessários

à expansão da capacidade produtiva, a substituição de importações não deveria se dar “da base para o vértice da pirâmide produtiva, isto é, partindo dos bens de consumo menos elaborados e progredindo lentamente até atingir os bens de capital. Era necessário que o “edifício” fosse construído em vários andares simultaneamente, mudando, apenas, o grau de concentração em cada um deles, de período para período” (para utilizar o argumento de TAVARES, (1983: 46).

Em Fajnzylber ¹, o formato de inserção do capitalismo na América latina precisava ser mudado, mas isso deverá acontecer através da constituição interna às economias de um núcleo endógeno de industrialização comprometido com a aprendizagem tecnológica. Prebisch aborda a tecnologia no seu caráter social, como principal fator de desenvolvimento. Neste caso, a necessidade de inovação endógena tem uma determinação social – correção de desigualdades – e um componente econômico – superação das crises econômicas.

Entretanto, esta dupla função da tecnologia só poderia ser cumprida pelo “uso social do excedente”. Em razão destes distintos enfoques, há uma ênfase muito maior em Fajnzylber a respeito da eficiência produtiva, que em Prebisch não aparece explicitada.

Em Fajnzylber, a desigualdade impede que o crescimento sustentado se estabeleça, porque a compatibilidade entre as condições de oferta e demanda fica parcialmente inviabilizada. Para Prebisch, trata-se de uma disputa pelo excedente a ser utilizado em consumo (de bens salários, parece evidente) ou acumulação. A preocupação de fundo é com o aumento das demandas sociais (inflação social).

Saindo um pouco do modelo de trocas, em 1979, Thirlwall, Apud VIEIRA E HOLLAND (2006), desenvolveu um modelo de crescimento econômico que leva em conta as restrições presentes no balanço de pagamentos – as restrições advindas de elasticidades-renda (Kaldor) desfavoráveis. A idéia é que as causas para as diferenças nas taxas de crescimento entre os países estão ligadas a diferenças nas taxas de crescimento da demanda e não devido à acumulação de estoques de capital (físico e humano), tecnologia e outros fatores ligados à oferta (MCCOMBIE & THIRLWALL, 1994).

¹ Os trabalhos de Fajnzylber na CEPAL datam da década de 90 e são considerados ponto de inflexão em relação às teorias de Prebisch.

De acordo com esta abordagem, nos países periféricos, incluindo o Brasil, a maior restrição sobre a taxa de crescimento da demanda seria o balanço de pagamentos, que expressa a relação entre a demanda pelas exportações e pelas importações. Tal teoria de crescimento acredita que a restrição externa tem importância fundamental no crescimento de países como o Brasil e outros latino-americanos, que ainda apresentam uma desfavorável relação entre a elasticidade-renda da demanda por importações e a elasticidade-renda da demanda por exportações, apesar de importantes mudanças na pauta de exportações com a presença de produtos mais intensivos em tecnologia.

Nesse sentido, Thirlwall (1991) considera que países que produzem e exportam bens primários (e/ou menos elaborados tecnologicamente) terão uma restrição em seu crescimento (em relação aos países mais industrializados) devido ao desequilíbrio no balanço de pagamentos, caso os termos reais de troca entre os bens primários e industriais não mudem. Assim, o autor considera que, para vários países, o crescimento é restringido pelo balanço de pagamentos antes que as restrições advindas da oferta venham à tona, o que difere da abordagem de Krugman (1989), para o qual diferenças nas taxas de crescimento dos países se devem principalmente às diferenças na taxa de crescimento da produtividade total dos fatores (VIEIRA E HOLLAND, 2006).

As contribuições teóricas, segundo Rainelli (2004, p. 54-54), repousam suas explicações em um conjunto de hipóteses diferentes. Primeiro, a teoria tradicional toma o mercado sob concorrência perfeita, enquanto a nova teoria adota os conceitos de mercado sob concorrência imperfeita. Segundo, neste novo quadro de referência predomina os mercados oligopolistas, a análise da produção é realizada na ótica do conceito de rendimentos de escala crescentes, os produtos ofertados pelas empresas são teoricamente diferenciados, enfim, a concorrência entre as empresas pode se basear em investimentos de P&D (KRUGMAN, 124-127). Portanto, na visão da Nova Teoria do Comercio Internacional, o comércio entre nações soberanas é explicado pelos rendimentos de escala crescentes e pela diferenciação do produto.

Krugman (2001) advoga que as economias de escala interna (firmas) e externa (indústria) desempenhariam um papel fundamental para o crescimento

econômico, posto que, a especialização da produção de determinados bens em países diferentes combinadas com as vantagens comparativas de ambos resultaria ganhos do comércio via a integração dos mercados.

Depois das clássicas Teorias de Smith e Ricardo, os novos rumos tomados pela teoria da organização industrial a partir da década de 80 mudam os rumos do comércio internacional e de maneira indireta afetaram suas análises e reflexões a respeito de integrações regionais, tais modelos passaram a incorporar as hipóteses de diferenciação de produtos e retornos crescentes de escala definindo uma nova relação entre estrutura de mercado e padrão de especialização e de comércio delineando uma nova abordagem das teorias de comércio internacional (MACHADO, 2000). As afirmações que se seguem são feitas a partir deste autor.

A especialização intra-indústria e a geração de economias de escala permitem que países, mesmo tendo estruturas industriais diferenciadas e concorrentes, se beneficiem com o comércio internacional.

Daí a possibilidade de que instituições de áreas de livre comércio ou de uniões aduaneiras produzam uma expansão do mercado que permita incrementar a eficiência produtiva, modificando o padrão de inserção internacional das economias, principalmente quando predominarem estruturas de mercado oligopolistas nas quais as economias de escala desempenham um papel relevante na determinação dos custos de produção,

Apresentados sob a forma de novos paradigmas, os resultados da nova teoria do comércio internacional parecem mais abrangentes do que são na realidade, pois tais modelos revelam-se restritos quanto a sua aplicação na integração de mercados.

Os primeiros estudos que abordam as limitações da nova teoria de comércio internacional e suas aplicações em integração de mercados datam do início da década de 80. A contribuição de Vanables (1987) analisa o caso em que a formação ou ampliação de uma união aduaneira determina simultaneamente a) o aumento da escala entre as firmas e b) o aumento da competição de firmas já instaladas.

Com a livre entrada dos produtos, o dinamismo do mercado regional será determinado endogenamente e dependerá do tamanho desse mercado e das escalas de produção que viabilizem, em termos econômicos, a operação das firmas.

Seguindo este mesmo raciocínio Smith & Vanables (1988), formalizaram um modelo de equilíbrio parcial baseado nas decisões estratégicas de firmas pertencentes a mercados regionais e que avaliam os impactos da criação de mercados regionais integrados sob concorrência imperfeita, este modelo está baseado em curvas de demanda de cada país e na capacidade de discriminação de preços e nos custos de arbitragem, análise desenvolvida por CAVALCANTI (1997), que além das localizações das plantas leva em consideração também os custos de transporte para a formulação dos preços e suas discriminações.²

1.4 Teorias de Desenvolvimento regional com ênfase nos fatores de aglomeração

As teorias de comércio internacional em alguns momentos interligam-se as teorias de locais, e ao abordarmos um estudo do comércio exterior amazonense e o padrão de especialização dos produtos desta região, cabe uma exposição das principais correntes de pensamento dessas teorias com ênfase nos fatores de aglomeração.

As teorias de desenvolvimento regional passaram a ser desenvolvidas a partir dos anos 50 e enfatizaram os fenômenos resultantes de externalidades decorrentes das aglomerações industriais. Muitos autores tendem a mencionar as idéias de Marshall como pioneira nessa abordagem que já mencionava os retornos crescentes de escala. Portanto, ao tratar a questão, Marshall (1890) levou em consideração, conforme assinala Krugman (1998, p. 50) duas externalidades pecuniárias e uma tecnológica listada a baixo:

- A possibilidade oferecida por um grande mercado local de viabilizar a existência de fornecedores de insumos com eficiência de escala;

² No trabalho de Cavalcanti (1997) o resultado da aplicação do modelo Smith e Venables, atribui um aumento do bem-estar para a Argentina, país membro do MERCOSUL.

- As vantagens decorrentes de uma oferta abundante de mão-de-obra; e
- A troca de informações que ocorrem quando empresas de um mesmo setor aglomeram-se.

Para a melhor compreensão do fenômeno do crescimento regional utilizaram conceitos de alguma forma relacionados à questão da aglomeração. Percebe-se o relevante papel desempenhado pela aglomeração dos “pólos de crescimento” de Perroux (1961), na “causação circular e acumulativa” de Myrdal (1957) e nos “efeitos para trás e pra frente” de Hirschman (1958).

Segundo Perroux (1961), os pólos de crescimento industriais complexos seriam capazes de modificar o seu meio geográfico imediato e mesmo a estrutura inteira da economia nacional em que estiver situado, uma vez que nos pólos de crescimento onde se verificam aglomerações industriais e urbanas registram-se efeitos de intensificação das atividades econômicas devido ao surgimento e encadeamento de novas necessidades coletivas. Neste contexto, Hirschman discute a questão regional usando os conceitos de efeitos para frente e para trás. Krugman assinala que ambos os conceitos (especialmente o de efeitos para trás) tratam das questões das economias de escala necessárias à viabilização de empreendimentos em regiões determinadas. Desta forma, os efeitos para trás são a forma encontrada por Hirschman (1958) para expressar as externalidades decorrentes da implantação de indústrias, que, ao aumentarem a demanda de insumos no setor a montante, virilizariam suas escalas mínimas de produção na região determinada. Os efeitos para frente, por sua vez, resultariam da oferta de insumos, que tornariam viáveis os setores que se posicionassem a jusante. Embora a mediação do mercado neste processo esteja evidente, é importante destacar que, ao longo de toda estratégia de desenvolvimento econômico, Hirschman destaca também os aspectos não pecuniários deste efeito como dito anteriormente.

Embora elogiando o seu grau de formalização, Krugman (1998, p.41), argumenta que as teorias clássicas da localização, por não lidarem com a questão da estrutura de mercado e dos retornos crescentes, terminam não contemplando o verdadeiro *trade off* que existiria entre a aglomeração e a dispersão de atividades econômicas. Com relação à teoria do desenvolvimento regional e à geografia econômica a elas associada, Krugman (1998, p. 6) argumenta que “a inabilidade de

seus autores em expressar suas idéias de forma adequada aos modelos disponíveis na época as impediu de serem definitivamente incorporadas ao *mainstream* do pensamento econômico. Apesar deste fato, Krugman (1998, p. 17) vê naquilo que ele chama de teoria do desenvolvimento de cerca de 1960 as economias de escala como um conceito central, não apenas no nível de uma planta individualmente, mas também no nível agregado.

Outra teoria que pode ser pertinente a este tema seria a D. North conhecida como Teoria da Base Exportadora como disserta SÁ:

Teoria da Localização e Crescimento Regional de D. North, de 1955. Apesar do mesmo não apresentar instrumental analítico, possui o rigor lógico necessário para formalizar uma teoria, sendo depois melhorado pelo autor através de outros artigos. A teoria da base exportadora de North é de longo prazo, distinta da base econômica, mais voltada para a determinação da renda ou do emprego. “O estudo do crescimento em longo prazo diz respeito aos determinantes da eficiência em mudanças e a imigração de trabalho e capital para uma área” (North, 1977B: 324). Preocupa-se com as condições em que as regiões “decolam” ou não em função das exportações. Isso implica em certa cautela com a capacidade de oferta. Atenta ainda que não seja a exportação o único modo de crescimento regional. Aplica-se mais ao caso de regiões novas – de baixa densidade demográfica e sem valores arraigados que desestimulem o avanço das instituições capitalistas. Isso ocorre porque na proporção em que a região cresce sua economia tende a se diversificar para a perpetuação do desenvolvimento. Assim, apesar de suas limitações, esta teoria presta-se a análises importantes, como a de construção de malhas viárias, de instalações de distrito industriais, criação de pólos de crescimento, no caso o PIM, que inclui a formação de um distrito industrial, é o ponto em questão.

2. Alguns aspectos da economia amazonense

Atualmente o estado do Amazonas apresenta um crescimento do seu produto interno bruto, que em relação a outros estados brasileiros, pode ser considerado satisfatório, mas nem sempre foi assim.

Após o *Débaçle* da Borracha em 1912 a Amazônia entra em um período de estagnação econômica. A monocultura gomífera não engendrou a acumulação primitiva do capital e muito menos a formação de um excedente voltado para as trocas internas. Tudo era exportado. As relações capitalistas não se realizavam na região devido ao sistema de Aviamento imposto pelos seringalistas. Logo, a industrialização estava muito longe de ocorrer. A região carecia de fatores

produtivos que impulsionassem seu crescimento econômico e políticas públicas que auxiliassem o seu desenvolvimento.

A presença do Estado se fazia urgente em se tratando de uma região deprimida em todos os aspectos. Só a presença do Estado poderia influenciar na redução das disparidades regionais através da criação de organismos de desenvolvimento, a exemplo da SPVEA, SUDAM e posteriormente a SUFRAMA.

Aos moldes de políticas do tipo *Top Down Estado sociedade*, a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) foi criada em 1953 para oferecer as condições objetivas de desenvolvimento da Amazônia. Sua área de atuação, inicialmente, abrangia 28 áreas das quais o critério de escolha fora basicamente o Econômico e o Político. No âmbito econômico pretendiam-se desenvolver regiões com potenciais agrícolas, zonas marginais às estradas de ferro, núcleos urbanos e zonas favoráveis a criação de gado. No político, buscava-se resguardar zonas fronteiriças e promover, através da navegação, o deslocamento das populações do nordeste e sul do país. Contudo, esta empreitada esbarrou em limitações que não eram exclusivamente financeira. Segundo Kon, 1994:

A Amazônia possuía um meio físico conhecido imperfeitamente e os estudos efetuados não possuíam caráter sistêmico. Sua heterogeneidade fisiográfica e o desconhecimento científico da região além da escassez de pessoal qualificado, dificultaram a atuação da SPEVEA.

Inserida nos esforços de SPVEA, surge a Zona Franca de Manaus, sua fase preliminar data de 1957- 66, destinada a ser um entreposto comercial de produtos originados do estrangeiro e destinados ao consumo interno, assim como a promoção de vantagens cambiais e a melhor circulação de mercadorias, porém até 1960 não tinha área de funcionamento prevista por lei e sua área delimitou-se a um armazém do cais do porto em Manaus.

2.1 O papel da SUFRAMA no desenvolvimento do estado

Após a década de 60 o Plano Estratégico de Desenvolvimento (PED) é implementado como instrumento de políticas de desenvolvimento previstos para SUDAM, que em seu I plano Quinquenal abrangeria toda a Amazônia Legal e a ZFM.

Dentre as premissas do PED, estavam previstas as políticas de crescimento acelerado e auto-sustentado por meio da substituição de produtos importados.

Todos esses fatos conduzem o governo federal a reorientar sua política para a Amazônia Ocidental com a edição do Decreto-Lei n.288, de 28/02/1967, que formula a ZFM e cria a Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), como entidade autárquica responsável pela administração da ZFM, com o objetivo de soerguer a economia amazonense, bem como desenvolver toda a área da Amazônia Ocidental. O artigo 1º. Do Decreto-Lei 288 preceitua:

A Zona Franca de Manaus é uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, estabelecida com a finalidade de criar, no interior da Amazônia, um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permitam seu desenvolvimento, em face dos fatores locais e da grande distância em que se encontra dos centros consumidores de seus produtos.

No âmbito dos incentivos fiscais foram concedidos:

- I - Isenção de IPI sobre as mercadorias de origem nacional enviadas para a Zona Franca;
- II - Isenção de ICM e IPI e Imposto de Exportação sobre as mercadorias da Zona Franca para o exterior.

As isenções fiscais não se aplicam a armas e munições perfumes, fumo bebidas alcoólicas e automóveis de passageiros.

O Decreto-Lei n. 291 de 28/02/1967 cria institucionalmente e caracteriza as Amazônias Ocidental e Oriental. O Decreto-Lei n. 356, de 15/08/1967, estende alguns dos benefícios fiscais da ZFM a outras partes da Amazônia Ocidental. O Decerto n.63871, de 20/12/1967, cria entrepostos da ZFM nas Cidades de Porto Velho, Boa Vista e Rio Branco. Complementando a ação do governo federal, o governo do estado do Amazonas institui os seguintes benefícios:

- a) Concessão de crédito fiscal às mercadorias entradas na ZFM, para efeito de pagamento do ICM, garantindo através da Lei Estadual n. 569, de 07/04/1967 e;
- b) Incentivos fiscais às empresas industriais e agropecuárias que se instalarem no estado do Amazonas, através da restituição de até 95% do ICM sessenta dias após a data de seu recolhimento, por um prazo superior a cinco anos, não podendo ultrapassar 31/12/1982, sendo a concessão destes incentivos assegurada pela Lei Estadual n. 958, de 09/09/1970.

Com a implantação da Zona Franca de Manaus começa-se a vislumbrar as condições objetivas para o crescimento do estado, posto que, este pólo torna-se um atrativo para a implantação de indústrias de transformação conseqüentemente, gerando emprego da mão-de-obra e renda, mesmo que os insumos usados na produção fossem importados, gerando certo desequilíbrio na balança comercial do estado.

2.2 A Abertura Econômica

A abertura do mercado de brasileiro em 1990, no caso especial da ZFM, eliminou as barreiras não tarifárias, reduziu as alíquotas ad-valorem sobre vários produtos ainda não produzidos internamente e introduziu um cronograma de reduções adicionais das referidas alíquotas para o período 1991-1993, situando a alíquota média para 17% com a queda das alíquotas de importação. A abertura comercial sem critérios específicos, associada a uma ausência de políticas setoriais compensatórias, lançou o estado do Amazonas na mais profunda crise de sua história desde o *déblace* da borracha no começo do século. A proposta de modernização industrial e comercial, com base na crescente capacitação tecnológica, teve como alicerce o Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP). No aspecto da capacitação tecnológica, propunha o fortalecimento de segmentos potencialmente competitivos e de desenvolvimento de novos setores, através de maior especialização produtiva e do apoio à difusão das inovações tecnológicas nos demais setores da economia. (KON, 1994)

Os investimentos em P&D direcionados ao parque industrial de Manaus ocorreram de forma lenta e gradativa, ora com capital estatal ora com capital privado ou estrangeiro, metas como, o aumento da produtividade, foram atingidas outras não como, a manutenção do estoque de mão de obra, fator bastante variável em cenários de crise.

Com a publicação da Lei 8.387 de 30 de dezembro de 1991, ocorre uma flexibilização na sistemática de concessão de incentivos fiscais à produção industrial, considerando a não exigência de índices mínimos numéricos de racionalização de produtos. A nova modalidade de fruição de incentivos foi estabelecida pelo Processo Produtivo Básico (PPB), representado por um conjunto mínimo de operações no estabelecimento fabril, que caracteriza a efetiva industrialização de determinado produto (SUFRAMA, 1994, p.34) (KON e FERREIRA, 1994)

A década de 1990 mudou significativamente o perfil importador da ZFM. Entre 1990-1999, o crescimento das importações de insumos no mercado externo cresceu 200%, passando de US\$ 715.117,9 em 1990 para US\$ 2.140.468,8 em 1999. Por outro lado, a importação de insumos oriundos do mercado interno entre 1990-1999, decresceu 52,3%, passando de US\$ 3.326.726,0 em 1990, para US\$ 1.740.137,1 em 1999. Essa mudança é reflexo da abertura econômica, que introduz os conceitos de padronização, normatizados pela série ISO (*International Standardizing Organization*), busca homogeneizar o processo produtivo dos produtos produzidos na ZFM, seguindo critérios internacionais, amplia o grau de presença do insumo importado no produto final. De 1990 a 1999, 80% das indústrias da ZFM adquiriram a certificação ISO 9000.

2.3 Incentivos às exportações e a questão da taxa de câmbio

Em 1998, foi criado o Programa Especial de Exportação na Amazônia Ocidental – PEXPAM, visando reduzir o déficit na Balança Comercial da ZFM no setor externo. Este programa representa um regime especial de incentivo às exportações utilizando-se de incentivos destinados à importação de matérias-primas,

insumos e componentes para industrialização de bens destinados exclusivamente à exportação e contempla as seguintes isenções e incentivos: isenção do Imposto sobre importação; isenção do imposto sobre produtos industrializados; isenção do imposto sobre a circulação de mercadorias e serviços; isenção do pagamento de taxas, preços públicos e emolumentos devidos a quaisquer órgãos da administração pública; inexistência do cumprimento de processo produtivo básico – PPB; autorização de importações extra-quota; concessão de quota-prêmio; crédito prêmio para equalização local. (FERREIRA, 1994).

Todavia a tarefa de avaliar esse conjunto de medidas em prol das exportações está longe de ser trivial, pois é difícil se isolar os efeitos de outras variáveis sobre as vendas externas. Dentre tais variáveis, destaca-se a taxa de câmbio, sendo que esta presenciou flutuações importantes ao longo do período em que se analisou o padrão de especialização amazonense em relação ao exterior.

Esse é um ponto a se destacar antes de se entrar na análise propriamente dita. As exportações de uma região dentro de um país envolvem não somente as transações com outros países, mas também aquelas com as demais regiões que compõem a economia em questão. Essa é uma limitação da presente análise.

Ilustrando e usando dados obtidos junto à Secretaria de Estado da Fazenda do Amazonas (SEFAZ-AM), verifica-se que, em 2006, um superávit de R\$ 33,6 bilhões na balança comercial amazonense frente às demais unidades da Federação. Esse superávit foi puxado sobremaneira pelas atividades do chamado Pólo Eletroeletrônico. No mesmo ano, convertendo os dados de comércio exterior do Amazonas para reais, o déficit fora de R\$ 10,3 bilhões, no qual os produtos típicos da indústria eletrônica se mostraram deficitários. O relevo dessa informação está no fato do Amazonas registrar um impressionante superávit de R\$ 23,3 bilhões e da diferença de sinal da balança comercial de um de seus principais segmentos.³

³ Infelizmente, a comparação mais pormenorizada entre a balança comercial com outras unidades da Federação e o intercâmbio com outros países não pode ser feita, pois os dados obtidos junto à SEFAZ eram a partir de dados das empresas, agrupadas conforme o setor, não por produto como é o ALICEWEB, usado para os dados de intercâmbio internacional.

3. METODOLOGIA

A análise do padrão de especialização na produção de um determinado bem parte do princípio que o local onde este bem é produzido detém algum tipo de vantagem em sua produção, implicando em custos relativos mais baixos, de modo que esse produto possa concorrer com preços competitivos no mercado externo.

Muitos argumentos micro e macroeconômicos podem responder a que tipos de vantagens podem levar a especialização da produção como: a abundância de fatores, o tamanho da Indústria, a curva de aprendizagem, investimentos em P&D, políticas comerciais protecionistas ou economias de escala.

Costuma-se recorrer aos índices de vantagens comparativa e competitiva para apresentar e explicar o desempenho de determinado setor e suas exportações, ressaltando que há uma diferença conceitual entre vantagem comparativa e competitiva conforme LAFEY Apud SÁ (2004),

- ao passo que a competitividade é medida entre países (para um dado produto), a vantagem comparativa é medida entre produtos (para um dado país);
- ao passo que a competitividade é submissa à conjuntura macroeconômica (depende particularmente da variação das taxas de câmbio reais) a vantagem comparativa tem um caráter estrutural (LAFEY, 1992).

A fim de mensurar a especialização e a inserção dos produtos amazonenses exportáveis no mercado externo, será calculado o índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica - VCRS e o Saldo Comercial - SC. A escolha desses dois indicadores visa segundo SÁ, uma análise mais completa dos dados de exportação e importação de uma determinada área. O VCRS trata do nível de especialização o SC configura-se um viés das importações do local analisado, no entanto, ambos, de certa forma, verificam o mesmo fenômeno: a especialização.

Na formulação do modelo Heckscher-Ohlin adotou-se a premissa de uma relação entre dois países que comercializam dois bens (X1 e X2), cujos fatores de produção são o capital e o trabalho. Tal simplificação da realidade proporcionou uma vantagem devido à facilidade, tanto na demonstração de suas teses, quanto na

divulgação dos resultados do teorema. Contudo, a manutenção da importância da teoria se deu quando Vanek (1968) inseriu no modelo a possibilidade de se trabalhar com n fatores, incorporando ao modelo o que se veio a chamar de ordenação única, que consiste na realidade de uma hierarquia dos fatores de produção quanto a sua abundância. Nos parágrafos que seguem abaixo serão enunciados e demonstrados dois dos principais teoremas relacionados a essa teoria, quais sejam, o teorema de Heckscher-Ohlin e o teorema de Heckscher-Ohlin-Vanek.

As afirmativas que se seguem são a partir de MACHADO (1996). Começamos pelo teorema de Heckscher-Ohlin. De acordo com esse teorema, cada país exporta o bem cuja produção é intensiva em seu fator relativamente abundante e importa o bem cuja produção é intensiva em seu fator relativamente escasso. Para a demonstração dessa tese, estabelecer-se-ão algumas relações entre o estoque de fatores (K e L) de dois países (A e B) e também entre o coeficiente técnico (a_{k1} e a_{l1}) necessários à produção dos bens x_1 e x_2 . Estas relações são apresentadas abaixo.

Sejam A e B dois países que apresentam abundância relativa nos fatores de produção capital e trabalho, respectivamente. Tomando-se A como referência, temos:

$$\frac{K_A}{L_A} > \frac{K_B}{L_B}, \text{ ou seja, o país A é relativamente abundante em capital}$$

$$\frac{a_{k1}}{a_{l1}} > \frac{a_{k2}}{a_{l2}}, \text{ ou seja, o produto } x_1 \text{ é capital intensivo}$$

O teorema de Heckscher-Ohlin-Vanek afirma que um país exporta os fatores abundantes e importa os fatores escassos, por meio do comércio de bens e serviços. Para demonstrar sua tese, Vanek, em vez de adotar apenas 2 fatores de produção, promoveu uma adaptação ao modelo de Heckscher-Ohlin (2x2), ampliando para n fatores de produção. Contudo Vanek adiciona a necessidade de uma hierarquização dos fatores de produção e estabelece uma ordem, chamada

ordenação única e comprovam que o país exportará os m primeiro fatores (relativamente abundantes) e importarão os n fatores restantes (escassos).

Na primeira definição de VCR, feita por Balassa (1965), adotou-se a suposição de que as diferentes dotações de fatores resultariam em uma estrutura característica (padronizada) de exportações, sendo, portanto, perfeitamente compatível com as hipóteses da teoria clássica do comércio internacional. Em outros termos, o indicador de VCR procuraria expressar “a posteriori” as vantagens relativas de custos de diferentes países a partir de suas especializações comerciais.

Segue a formulação a princípio:

$$VCR_{ij} = \frac{X_{ij}/X_{oj}}{X_{io}/X_{oo}}$$

onde,

i = setor (ou produto);

j = país;

o = total de setores/países; e

X=exportações.

De acordo com HOLLAND et al (2001), é preciso ressaltar que o indicador de VCR é apenas uma variável de resultado, a qual tenta captar no âmbito do mercado os efeitos finais do comércio internacional, sem que exista nenhuma interação compulsória entre oferta de fatores e tais efeitos. Ao contrário, tais efeitos também devem ser interpretados como resultado de assimetrias intra e intersetoriais entre os diferentes países, onde os padrões de especialização expressam, de um lado, diferenças nas assimetrias tecnológicas e vantagens relativas de custos dos países e, de outro lado, diferenças nas elasticidades-renda dos grupos setoriais (Dosi, Pavitt & Soete, 1990 Apud HOLLAND e XAVIER, 2001)

Para uma melhor aplicação estatística, cabe minimizar as restrições assimétricas geradas por esse índice. Uma evolução desse indicador consistiu em torná-lo simétrico, de sorte que o mesmo varie de -1 a + 1, tornando-o mais abrangente, com segue (Sá, 2004):

$$VCRS_{ij} = \frac{VCR_{ij} - 1}{VCR_{ij} + 1}$$

onde, VCRS = índice de vantagens comparativas reveladas simétrico.

Desta forma, quanto mais próximo for de 1, mais especializado naquele produto estará o país. Já, à medida que o indicador se aproxime de -1, maior será a desvantagem comparativa da economia do produto em questão.

A formulação considerando somente as exportações fora justificada por Balassa devido ao viés provocado por medidas protecionistas, em se tratando de importações. A seu ver, eram praticadas de modo distinto entre países e entre setores (Balassa, 1965 e 1977; Leal, maio 1993: p. 8 Apud Sá 2004).

3.1 Saldo Comercial

A guisa de verificar se os bens que detém vantagem comparativa são os mesmos que contribuem para o saldo comercial, propõe-se a construção de um índice de contribuição ao saldo comercial, como explica HOLLAND E XAVIER,

Em uma abordagem simplificada, espera-se que os setores que exportam mais seja aqueles que mais contribuem para o saldo e assim o fazem, pois são os setores com maiores vantagens comparativas. Caso contrário, setores que mais exportam, mas que apresentam baixa ou negativa contribuição ao saldo comercial, mesmo com elevadas vantagens comparativas.

Formulação do índice de Contribuição ao Saldo Comercial:

$$CSP_{ij} = \left[1.000 \cdot \frac{X_{ij} - M_{ij}}{Y_j} - \frac{X_{ij} + M_{ij}}{X_{oj} + M_{oj}} \cdot \frac{X_{oj} - M_{oj}}{Y_j} \right] \cdot \frac{W_{i(r)}/W_{o(r)}}{W_{i(n)}/W_{o(n)}}$$

onde,

i =setor (ou produto);

j = país

o = total de setores/países;

r= ano-base;

n=ano de análise;

X= exportações;

M=importações;

Y=produto interno bruto;

W = somatório das exportações e importações mundiais.

Sá argumenta que o uso conjunto de ambos indicadores de especialização (VCRS e CS) é mais profícuo do que a escolha de apenas um deles. Isto é, o debate sobre qual é o melhor índice acaba por inibir a análise conjunta de ambos.

Esta análise conjunta pode ser descrita com base nas quatro situações que a combinação de ambos os sinais permitem, a saber:

1. Situação de não especialização com estrangulamento;
2. Situação de especialização com estrangulamento;
3. Situação de auto- suficiência sem especialização;
4. Situação de especialização com eficácia.

	CS < 0	CS > 0
VCRS < 0	Situação 1	Situação 3
VCRS > 0	Situação 2	Situação 4

MATRIZ DE ANÁLISE CONJUGADA DOS ÍNDICES DE VCRSE CS.

Fonte: Elaboração própria a partir de Sá.

3.2 Dados da Pesquisa e Informações Adicionais

Os dados utilizados para a dissertação foram das exportações e importações do estado do Amazonas no período 1989 a 2006, coletados no sistema ALICEWEB do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) e sobre as exportações e importações mundiais coletados no banco estatístico internacional da Organização Mundial de Comércio (OMC).

É de extrema importância citar que tanto os dados de importação quanto de exportações do Amazonas são divulgados com códigos de produto segundo a Nomenclatura Brasileira de Mercadorias (NBM), até 1996, e segundo a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), de 1997 em diante. Ambas seguem a classificação de produtos conhecida como Sistema Harmonizado (SH). Esta sofreu ao longo do período abarcado, de 1989 a 2006, algumas revisões de código de mercadoria importantes. Assim, de 1989 a 1996, a codificação das mercadorias transacionadas com o Exterior seguia a revisão de 1988 do SH. De 1997 a 2001, o Brasil seguiu a versão de 1996 do SH. De 2002 a 2006, os códigos seguiram a revisão de 2002.

A dificuldade concernente a estes dados se refere ao fato de se ter conseguido estimativas de fluxos mundiais de mercadoria para o período em questão apenas por outra classificação, a Classificação Uniforme de Comércio Internacional (CUCI) em sua terceira revisão, conforme base de dados da OMC. Desse modo, foram utilizados arquivos de correspondência disponíveis na página eletrônica do Departamento de Estatística das Nações Unidas (UNSD na sigla em inglês). Tais correspondências foram colocadas dentro de um tradutor já estruturado, utilizado por Sá em trabalho de agregação de dados para análise do comércio exterior por intensidade tecnológica.

Especificamente quanto ao CS, fez-se necessário também empregar o PIB do Estado do Amazonas, cuja fonte é o IBGE. Para 1995 a 2006, foram considerados os dados de PIB, tendo 2002 como ano de referência da construção das contas regionais. Tais dados foram retropolados pelo IBGE, a fim de ampliar a série para trás, até 1995. Já o PIB para os anos de 1989 a 1994 foi obtido da série tendo como ano de referência 1985. A série completa foi vertida brasileira moeda para dólar corrente, utilizando a taxa de câmbio média de cada ano.

Infelizmente, a comparação mais pormenorizada entre a balança comercial com outras unidades da Federação e o intercâmbio com outros países não pode ser feita, pois os dados obtidos junto à SEFAZ eram a partir de dados das empresas, agrupadas conforme o setor, não por produto como é o ALICEWEB, usado para os dados de intercâmbio internacional. Portanto, a atividade comercial, como seria de esperar, tem presença marcante no comércio amazonense junto a outros estados brasileiros. Porém não se conseguiu dados por produtos que pudessem ser agregados e comparados com os de comércio exterior.

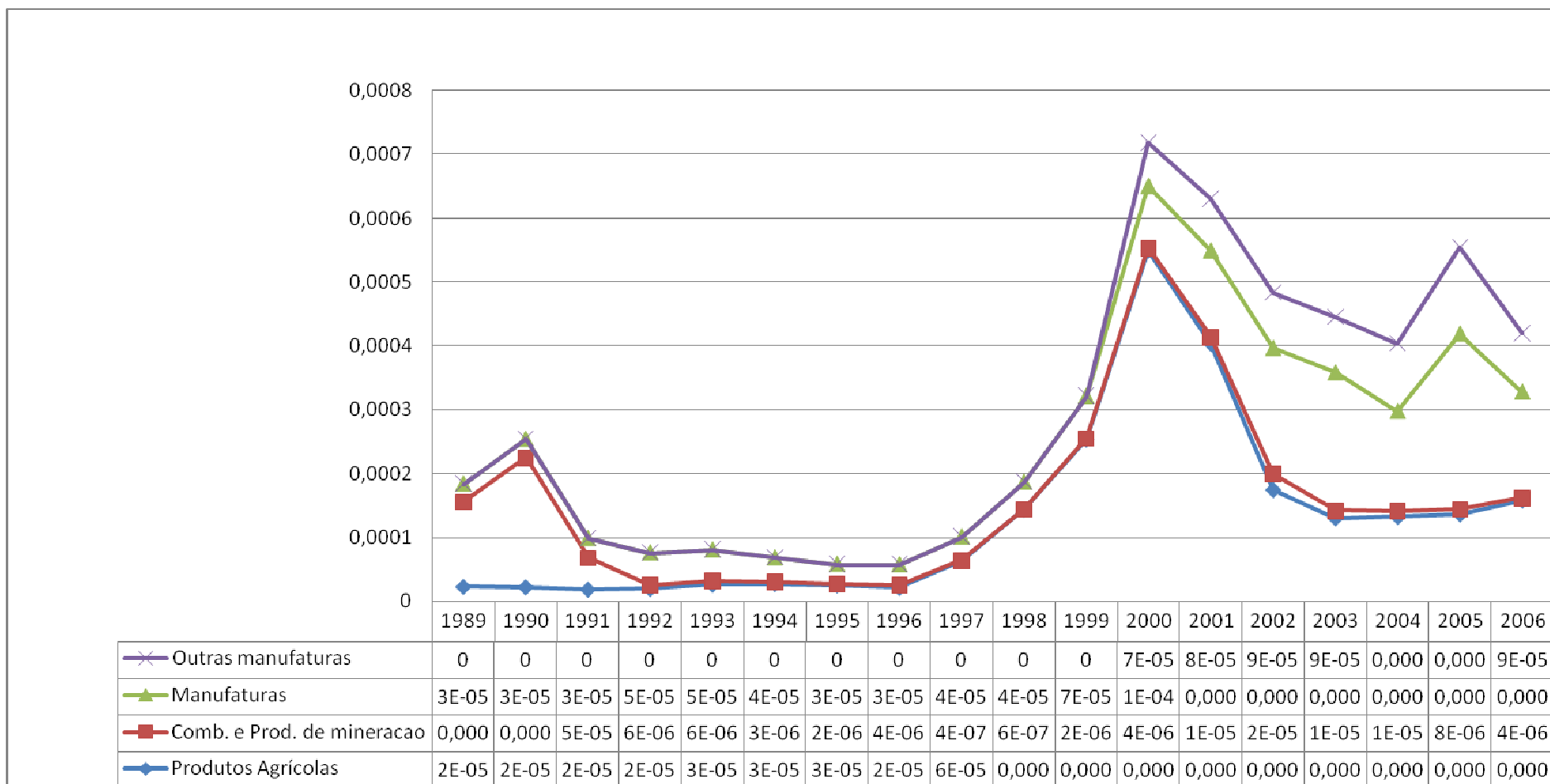
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para este capítulo, serão considerados os dados em nível de desagregação de quatro dígitos da CUCI, revisão 3, para os quais há informações acerca das exportações totais do mundo em uma padronização da OMC, exportações e importações do estado do Amazonas são oriundos do MDIC - Aliceweb. A análise dos dados para VCRS se restringirá aos grupos de produtos com índices limítrofes em 1 e -1. A série histórica envolve o período de 1989 a 2006, tanto para os dados de exportações mundiais como os de exportação do Amazonas.

Conforme a Tabela 01 pode-se verificar que para a maioria dos grupos/produtos classificados, o VCRS é negativo. Isto indica um baixo nível de especialização dessas categorias. Dentre os grupos que apresentaram VCRS positivo destacam-se Alimentos cujo índice no período de 1997 a 2006, com exceção dos anos 2003 e 2005 mostrou-se positivo, com destaque para o ano de 2001 com 0,6984, ou seja, um valor bem próximo da unidade o que caracteriza uma maior especialização.

No grupo de Manufaturas, destacam-se o subgrupo Equipamentos de Transporte e Maquinarias, que se desagrega em Equipamentos de Telecomunicações e Equipamentos de Transporte. O subgrupo Equipamentos de Telecomunicações a partir do ano 2000 apresenta o maior índice da série, é bastante provável que isto esteja relacionado com a produção de eletroeletrônicos, em especial, os terminais portáteis de telefonia celular, no Pólo Industrial de Manaus, cujo maior índice é 0,866855 no ano 2005. Logo em seguida, o subgrupo Outros Equipamentos de Transporte registram índices significativos que também levam a crer que o Pólo de Duas Rodas do PIM tem produção especializada.

No período compreendido entre 1990 e 1999 todos os grupos apresentaram índices negativos ou pífios de especialização, isto seria o reflexo de uma economia fechada, aspecto estrutural da economia brasileira na época. Após a abertura econômica o país passa por profundas transformações o que iria afetar a ZFM, causando de certa forma um *plus* na especialização no setor Eletroeletrônico e Duas Rodas.



FIGUARA :1A . PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS GRUPOS DE EXPORTAÇÕES DO AMAZOMAS NOS TOTAIS DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS.

FONTE: MDIC

Para o índice de Contribuição ao Saldo, a balança comercial, os dados da Tabela 02 mostram que os grupos Alimentos e Pesca contribuíram positivamente ao saldo da Balança comercial amazonense a partir de 1998 a 2006, porém o grupo que tem o segundo maior índice da série é o de Outros Alimentos, que, em termos percentuais representaria 26,68 no ano 2000, o subgrupo Matéria-Prima apresenta uma característica interessante, pois é único item que apresenta contribuição positiva ao longo de toda a série, tendo em vista que o Amazonas sempre teve, em sua pauta exportadora, produtos oriundos da floresta.

O grupo Manufaturas surge com os maiores índices negativos de contribuição ao saldo nos anos 1995 e 1996, assim como Equipamentos de Transporte e Maquinaria e Equipamentos de Telecomunicações e Escritório.

Correspondendo as expectativas o subgrupo Equipamento de Telecomunicação apresenta *incríveis* índices positivos em 2002, 2003 e 2005, neste último, o índice alcançou 41,03 pontos percentuais, sendo o maior da série, revelando uma potencial especialização para o setor eletroeletrônico do PIM.

Os grupos Outros Equipamentos de Transporte e Outros e Equipamentos e outras maquinarias também contribuíram com o saldo da balança, mas de forma modesta a partir de 2000.

4.1 Análise conjunta dos índices VCRS e CS

Para esta análise, o ponto de partida metodológico será a matriz de possíveis situações as quais o comércio exterior do Amazonas podem ser tipificadas, com exemplos reais dos índices VCRS e CS (Tabela 1 e 2), como segue:

1. Situação de não especialização com estrangulamento;
2. Situação de especialização com estrangulamento;
3. Situação de auto-suficiência sem especialização;
4. Situação de especialização com eficácia.

	CS < 0	CS > 0
VCRS < 0	Situação 1	Situação 3
VCRS > 0	Situação 2	Situação 4

MATRIZ DE ANÁLISE CONJUGADA DOS ÍNDICES DE VCRSE CS.

FONTE: Elaboração própria a partir de Sá.

- Para o grupo de Produtos agrícolas (subgrupo Alimentos) o VCRS é positivo em 1997 a 2006, exceto 2003 e 2005, o CS é positivo em 1998 a 2006, classificando o Grupo na Situação 4, ou seja: *Especialização com eficácia*;
- Para o segmento Matéria-prima, o VCRS é negativo em 1989 a 2006, exceto nos anos 1995 e 1999 e CS é positivo em 1989 a 2006, porém com valores ínfimos sendo classificado na Situação 3, isto é, *Auto-suficiência sem especialização*;
- Em Combustíveis, o VCRS é negativo de 1991 a 2006, e o CS também é negativo no período 1992 a 2006, correspondendo a Situação 1, *Não especialização com estrangulamento*;
- Em manufaturas, o VCRS é positivo nos intervalos 1991-1995 e 2002-2006 e o CS é negativo em 1989 a 2006, caracterizando-se na Situação 2, *Especialização com estrangulamento*;
- Para o segmento Equipamentos de Transporte e Maquinaria, o VCRS é positivo em 1998 a 2006 e o CS negativo em toda a série histórica, caracterizando-o na Situação 2, *Especialização com estrangulamento*;
- Em *Equipamentos de Telecomunicações* ocorre um fenômeno interessante. Este pode ser classificado em duas situações diferentes, a primeira com o VCRS positivo no intervalo 2000 – 2006 e o CS negativo em 2000, 2001, 2004 e 2006, indicando Situação 2, *Especialização com estrangulamento*, e a segunda, onde os anos 2002, 2003, e 2005 apresentam CS positivo, sugerindo assim uma Situação 4, *Especialização com eficácia*. Nesse sentido, prevalece primeira;
- No segmento Outros equipamentos de Transporte, tanto o VCRS como o CS apresentam índices positivos a partir de 2000 a 2006, indicando uma Situação 4, *Especialização com eficácia*.

Dado o exposto acima, verifica-se que os segmentos Produtos Agrícolas e Outros equipamentos de Transporte configuram-se na situação de especialização com eficácia, na qual houve uma convergência de índices positivos.

Outra informação pertinente às exportações amazonenses, é que a participação no total das exportações mundiais, índice originado do denominador da formulação do VCRS indica que o segmento Outras manufaturas obteve o maior índice de participação nas exportações mundiais seguido de Manufaturas, Combustíveis e Produtos agrícolas gerando curvas idênticas no gráfico (1A), por se tratarem de níveis de desagregação interligados.

É interessante notar que o período recente de VCRS positivos para produtos manufaturados coincide em boa medida com período de depreciação cambial real efetiva⁴ do País, seja considerando apenas as exportações de manufaturados, seja considerando a de todas as exportações – ver próximo gráfico. Desse modo, em 2002 os índices de VCRS das manufaturas voltam a ser positivos, o que não ocorria desde 1997. E permaneceu positivo até 2006. Mesmo assim, o CS continuou negativo para os produtos manufaturados.

Há uma observação a ser feita no segmento de eletrônicos. Pelo fato de haver muito comércio intra-indústria, fato agravado pelo grupamento material de telecomunicações e de escritório abarcar os próprios componentes eletrônicos. Como visto anteriormente, o Amazonas vende produtos eletrônicos, porém o destino principal é o mercado interno do Brasil. Ademais, os fabricantes do Pólo Industrial de Manaus O índice CS não captou a variação no período, pois mesmo que haja exportação nesse setor também se verifica muitas importações, este fenômeno ocorre tanto em países deficitários como superavitários na balança comercial.

Para o mesmo segmento o índice VCRS passa a ser positivo a partir de 1998 permanecendo até o final da série. Esse comportamento contribuiu para pra o VCRS positivo de manufaturas em 2002. Por sua vez, é no grupamento específico de Equipamentos de Telecomunicação que ocorrem índices positivos e bastante significativos até o final da série, o que pode ser explicado em larga medida pelas exportações de telefones celulares, encabeçadas principalmente pela Nokia, instalada no Pólo Industrial de Manaus. Porém no grupamento de mesma agregação Circuitos Integrados e Componentes Eletrônicos os índices para o mesmo período

⁴ Isto é, a taxa de câmbio considerando uma cesta de moedas e as variações de preços.

são negativos. Ou seja, o estado do Amazonas é especializado na produção de bens finais em termos do comércio com o exterior.

Esses dados são importantes de salientar por terem concorrido para uma mudança de estrutura das exportações amazonenses. Na virada dos anos 1980 para os anos 1990, as vendas externas de combustíveis e produtos minerais perderam participação sobremaneira na pauta de exportação do estado. A participação das manufaturas cresceu, mas, ao longo dos anos 1990, a parcela referente aos produtos agropecuários cresceu ainda mais, chegando a responder por 39,6% em 2000. Porém as exportações de bens manufaturados foram ampliando sua participação desde então, atingindo proporção de 93,9% das vendas amazonenses para o exterior. Em 2006, a participação dos produtos manufaturados recuou para 89,5%, com os produtos agropecuários respondendo por 9,7% e combustíveis e produtos minerais por 0,6%

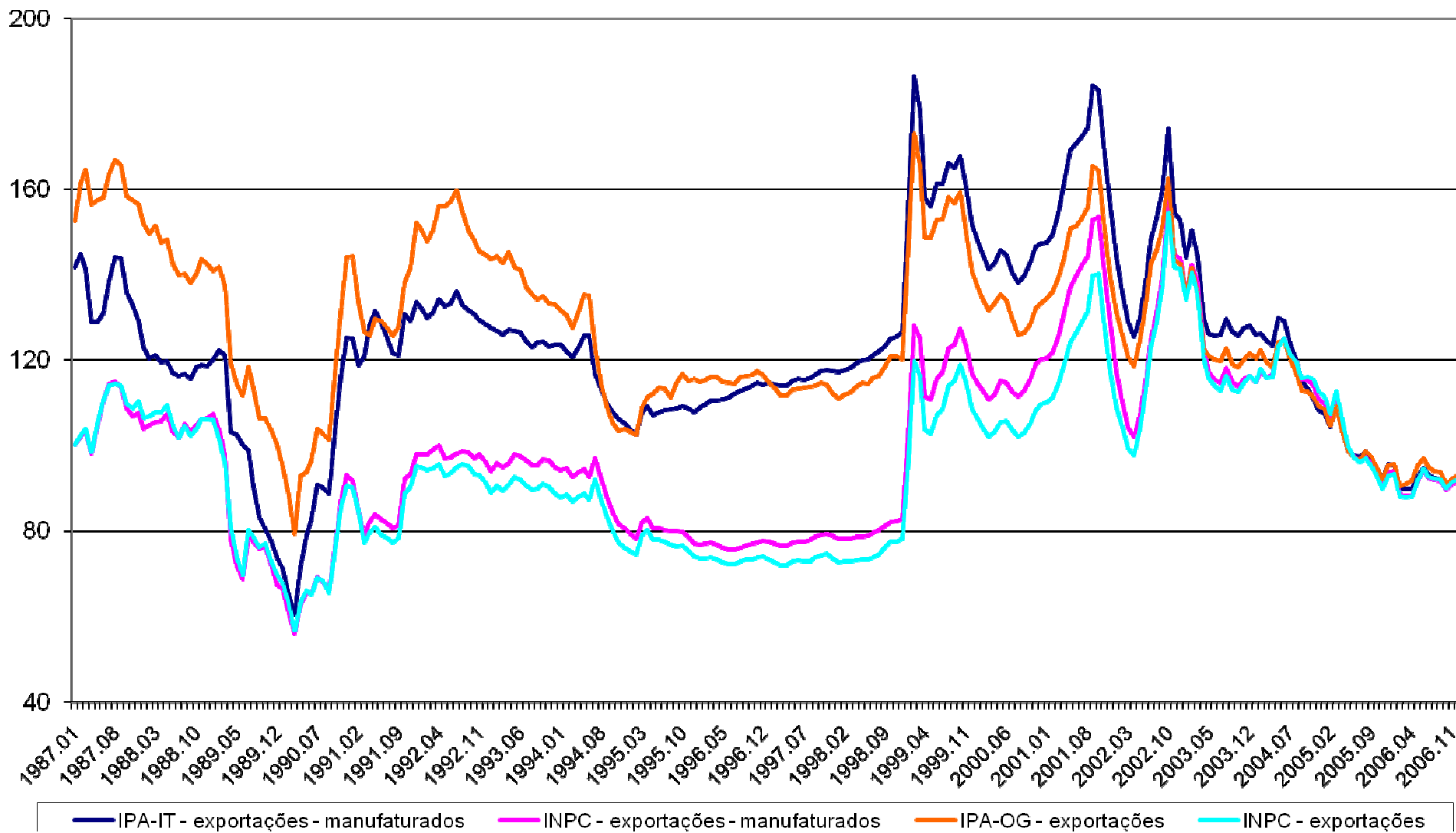


Figura 2 A – Taxas de Câmbio Real e Efetiva, número-índice (base: 2005 =100)

FONTE: Elaboração própria a partir de Ipea.

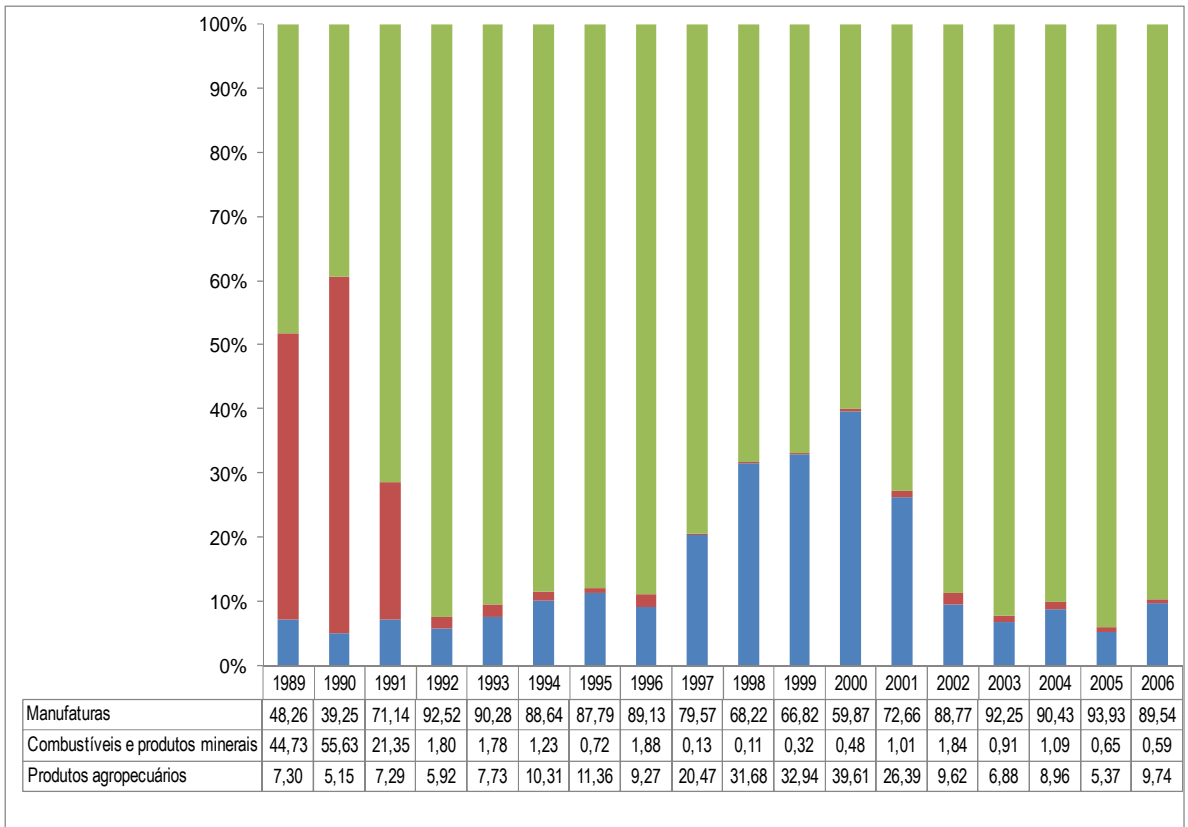


FIGURA 3A – EXPORTAÇÕES DO AMAZONAS

FONTE: MDIC

4.2 Análise das exportações do Amazonas quanto às destinações

A partir da Tabela 4, têm-se um panorama sobre as destinações das exportações do Amazonas, podendo-se então fazer uma abordagem do modo de inserção dos produtos no mercado internacional. Para tanto, serão considerados os mesmos dados de classificação dos grupos de produtos exportáveis da pauta amazonense, conforme as tabelas dos índices VCRS e CS. O período consistiu em uma amostra (*cross section*) do ano 2006, último ano da série citado nos índices.

De acordo com a tabela 03, pode-se verificar que o bloco dos países em desenvolvimento é responsável pela maior parte das destinações das exportações, seguido da ALADI e os países desenvolvidos, com percentuais de 22,7%, 19% e 13 %, respectivamente. Quanto aos produtos mais exportados, é possível observar que o maior percentual corresponde às manufaturas, sendo em média superior a 88% do total. O restante das exportações, em termos de produto, fica a cargo dos produtos primários.

Ao analisar de forma desagregada o grupo das manufaturas, tem-se que um percentual bastante significativo destas é representado por equipamentos de transporte e maquinarias, que por sua vez é composta por, principalmente por equipamentos de telecomunicação e de escritório. Para ilustrar essa relação, destacam-se os valores de 9,91% das manufaturas enviadas para os países em desenvolvimento são relativas a este subgrupo. Além dos equipamentos de telecomunicação e de escritório, o subgrupo dos equipamentos de transporte também merece atenção, pois sua participação relativa no grupo das manufaturas não pode ser avaliada, pois 13,41% das manufaturas exportáveis para a ALADI, por exemplo, refere-se a este item.

Após essa análise quantitativa é válido discorrer sobre algumas características de parceiros comerciais importantes como o Mercosul e os Estados Unidos. O Brasil é membro signatário do Mercosul, que conceitualmente está inserido numa classificação de Mercado Comum, caracterizada pela supressão de barreiras ao intercâmbio de mercadorias e fatores de produção.

Entretanto, mesmo com essa caracterização, o Mercosul adota em seu tratado o *Regime de Origem*, que por sua vez dá ao Pólo Industrial de Manaus o *Status* de Terceiro País, discriminando seus produtos. Quanto aos Estados Unidos, a aplicação de barreiras às exportações são históricas. Produtos como frutas e vegetais, enfrentam outros tipos de restrições tais como as aplicações de medidas sanitárias e fitossanitárias, fora os famosos mecanismos de proteção ao restante dos produtos agrícolas. Isto importa ao estado do Amazonas, pois, segundo os dados de VCRS e CS este item de mercadorias possui vantagem, tendo vista os valores desses índices terem assumido sinais positivos.

DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO AMAZONAS - 2006 (%)	ALADI	MERCOSUL	ALADI EXC MERCOSUL	OTCA	MCCA	DEMAIS DA AMÉRICA LATINA	CARICOM	CANADÁ	EU A INCL PORTO RICO	DEMAIS DA AMÉRICA	EUROPA ORIENTAL	UNIAO EUROPEIA	AELC	DEMAIS DA EUROPA OCIDENTAL	ASIA EXC ORIENTE MÉDIO	ORIENTE MÉDIO	ÁFRICA EXC ORIENTE MÉDIO	OCEANIA	PAÍSES DESENVOLVIDOS	PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO	
Produtos Primários	72,73	16,28	56,45	56,41	0,00	6,73	0,04	0,30	7,58	0,06	0,01	9,44	0,05	0,34	1,92	0,05	0,01	0,73	30,50	127,62	
Produtos Agrícolas	71,50	16,52	54,97	54,94	0,00	7,14	0,05	0,32	7,64	0,06	0,01	10,02	0,05	0,37	2,01	0,05	0,01	0,78	29,85	119,17	
Alimentos	79,96	18,51	61,45	61,45	0,00	8,02	0,05	0,21	4,34	0,00	0,00	4,74	0,03	0,41	1,29	0,05	0,01	0,88	15,27	117,18	
Pesca	13,66	0,28	13,38	13,33	0,00	0,00	0,00	0,68	14,82	0,00	0,00	40,78	0,58	0,00	28,83	0,15	0,50	0,00	2,37	0,41	
Outros Alimentos	81,39	18,90	62,48	62,48	0,00	8,19	0,05	0,20	4,11	0,00	0,00	3,96	0,02	0,42	0,70	0,05	0,00	0,89	0,00	0,00	
Matéria-Prima	3,85	0,63	3,22	2,91	0,03	0,15	0,00	1,17	34,00	0,53	0,10	52,22	0,25	0,00	7,71	0,00	0,00	0,00	14,58	2,00	
Comb. e Prod. de mineracao	92,90	12,32	80,59	80,57	0,00	0,00	0,00	0,00	6,62	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,47	0,00	0,00	0,00	0,65	8,45	
Combustível	99,97	0,00	99,97	99,97	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	7,33	
Minérios	63,55	63,46	0,09	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	34,06	0,00	0,00	0,05	0,00	0,00	2,34	0,00	0,00	0,00	0,14	0,00	
Outros minérios	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	78,08	0,00	0,00	0,63	0,00	0,00	21,29	0,00	0,00	0,00	
Metais não ferrosos	68,88	68,78	0,10	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	30,37	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,75	0,00	0,00	0,00	0,51	1,12	
Manufaturas	54,76	19,84	34,92	26,06	2,02	0,78	2,29	0,70	27,12	0,01	0,10	8,52	0,00	0,21	1,11	0,22	0,88	1,27	505,99	867,18	
Ferro e aço	100,00	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	
Produtos químicos	33,79	4,13	29,66	0,61	8,41	0,00	0,13	0,00	45,52	0,00	0,01	6,29	0,19	0,53	4,62	0,01	0,01	0,51	4,32	3,29	
Farmacêuticos	75,34	0,39	74,96	0,59	21,00	0,00	0,00	0,00	0,16	0,00	0,02	2,08	0,00	1,38	0,00	0,02	0,00	0,00	0,06	2,84	
Outros produtos químicos	8,23	6,43	1,80	0,62	0,66	0,00	0,21	0,00	73,42	0,00	0,00	8,88	0,31	0,00	7,46	0,00	0,01	0,82	0,00	0,00	
Outros semi-manufaturados	38,54	21,32	17,22	10,99	0,54	1,23	0,39	0,00	33,28	0,00	1,53	17,89	0,00	0,00	5,57	0,00	0,00	1,03	44,45	47,30	
Equip. de transporte e Maquinaria	54,91	18,55	36,35	27,50	2,23	0,81	2,60	0,66	27,26	0,01	0,00	8,12	0,00	0,24	0,51	0,26	1,02	1,38	433,87	753,03	
Equip. de telec. e escritório	58,90	18,56	40,34	33,79	0,89	0,89	3,42	0,00	27,34	0,01	0,00	7,37	0,00	0,20	0,46	0,26	0,24	0,00	293,82	576,46	
Equip. de Telecomunicacao	72,61	67,11	5,51	2,79	0,03	0,00	0,00	0,00	6,19	0,00	0,00	19,69	0,00	0,00	1,48	0,00	0,00	0,00	12,81	48,80	
Circ. Integ. e comp. eletronicos	57,91	14,89	43,02	36,30	0,96	0,97	3,70	0,00	29,07	0,01	0,00	6,46	0,00	0,00	0,38	0,28	0,26	0,00	280,95	524,33	
Equip. transporte e outras maquinas	45,35	8,60	36,75	0,00	0,00	0,26	0,00	0,00	0,37	0,00	0,00	0,18	0,00	52,54	1,30	0,00	0,00	0,00	0,05	3,33	
Equip. de Transporte	43,92	18,53	25,39	10,22	5,93	0,58	0,35	2,47	27,04	0,02	0,00	10,15	0,00	0,34	0,63	0,25	3,16	5,16	
Produtos automotivos	41,07	16,45	24,62	9,74	6,37	0,48	0,39	2,75	28,20	0,02	0,00	10,64	0,00	0,38	0,16	0,28	3,50	5,77	133,46	149,73	
Outros equip. transportes	57,43	46,88	10,55	8,30	0,11	0,00	0,00	0,00	0,09	0,00	0,00	41,91	0,00	0,00	0,47	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	
Outras maquinas	40,87	16,07	24,79	9,76	6,45	0,49	0,39	2,78	28,55	0,02	0,00	10,25	0,00	0,39	0,15	0,28	3,54	5,84	131,99	147,74	
Maq. de geracao de energia	68,08	36,18	31,89	14,28	2,20	1,37	0,01	0,15	17,21	0,00	0,00	6,06	0,00	0,00	4,60	0,00	0,32	0,00	6,59	26,84	
Máquinas não elétricas	76,13	0,00	76,13	76,13	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	23,87	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	
Máquinas elétricas	40,06	14,20	25,86	22,74	0,00	4,50	0,00	0,48	51,51	0,00	0,00	2,05	0,00	0,00	1,25	0,00	0,15	0,00	3,89	3,90	
Equip. de transporte e Maquinaria	76,60	42,89	33,70	11,67	2,87	0,42	0,02	0,04	6,79	0,00	0,00	7,29	0,00	0,00	5,61	0,00	0,37	0,00	2,69	22,93	
Produtos Texteis	29,85	4,32	25,53	25,53	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	70,15	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	
Roupas	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	0,00	0,00
Outras manufaturas	71,68	37,16	34,52	24,57	0,07	0,00	0,22	2,12	17,10	0,00	0,00	4,40	0,00	0,00	4,33	0,00	0,00	0,07	23,35	63,56	
Bens Pessoais e Domésticos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	
Instr. Científicos e de Controles	9,80	3,27	6,54	3,19	0,00	0,00	0,00	0,00	81,87	0,00	0,00	3,97	0,00	0,00	4,36	0,00	0,00	0,00	0,47	0,07	
Manufaturas variadas	72,07	37,38	34,69	24,71	0,07	0,00	0,22	2,13	16,69	0,00	0,00	4,40	0,00	0,00	4,33	0,00	0,00	0,07	22,88	63,49	
Outros Produtos	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	NSA	0,00	0,00
Total	56,61	19,47	37,14	29,20	1,81	1,40	2,06	0,66	25,10	0,02	0,09	8,62	0,01	0,23	1,19	0,20	0,79	1,21	536,48	994,80	

Tabela 03: Destinação das Exportações do Amazonas - 2006; Classificação OMC Fonte: MDIC

DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO AMAZONAS – 2006 (MILHÕES US\$)	ALADI	MERCOSUL	ALADI EXC MERCOSUL	OTCA	MCCA	DEMAIS DA AMÉRICA LATINA	CARICOM	CANADÁ	EUA INCL PORTO RICO	DEMAIS DA AMÉRICA	EUROPA ORIENTAL	UNIAO EUROPEIA	AELC	DEMAIS DA EUROPA OCIDENTAL	ASIA EXC ORIENTE MÉDIO	ORIENTE MÉDIO	AFRICA EXC ORIENTE MÉDIO	OCEANIA	TOTAL
Produtos Primários	114,99	25,74	89,25	89,20	0,00	10,65	0,07	0,48	11,98	0,09	0,02	14,93	0,08	0,55	3,03	0,07	0,02	1,16	158,11
Produtos Agrícolas	106,55	24,62	81,92	81,87	0,00	10,65	0,07	0,48	11,38	0,09	0,02	14,93	0,08	0,55	2,99	0,07	0,02	1,16	149,02
Alimentos	105,91	24,52	81,39	81,39	0,00	10,62	0,07	0,28	5,75	0,00	0,00	6,27	0,04	0,55	1,71	0,07	0,02	1,16	132,45
Pesca	0,38	0,01	0,37	0,37	0,00	0,00	0,00	0,02	0,41	0,00	0,00	1,13	0,02	0,00	0,80	0,00	0,01	0,00	2,78
Outros Alimentos	105,53	24,51	81,02	81,02	0,00	10,62	0,07	0,26	5,33	0,00	0,00	5,14	0,02	0,55	0,91	0,07	0,00	1,16	129,66
Matéria-Prima	0,64	0,10	0,53	0,48	0,00	0,02	0,00	0,19	5,64	0,09	0,02	8,66	0,04	0,00	1,28	0,00	0,00	0,00	16,58
Comb. e Prod. de mineracao	8,45	1,12	7,33	7,33	0,00	0,00	0,00	0,00	0,60	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	9,09
Combustível	7,33	0,00	7,33	7,33	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	7,33
Minérios	1,12	1,12	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,60	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	1,76
Outros minérios	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,11	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00	0,14
Metais não ferrosos	1,12	1,12	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,49	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	1,63
Manufaturas	751,90	272,40	479,50	357,91	27,72	10,75	31,45	9,68	372,39	0,17	1,40	117,03	0,02	2,91	15,23	3,04	12,11	17,37	1373,17
Ferro e aço	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Produtos químicos	2,57	0,31	2,26	0,05	0,64	0,00	0,01	0,00	3,46	0,00	0,00	0,48	0,01	0,04	0,35	0,00	0,00	0,04	7,60
Farmaceuticos	2,18	0,01	2,17	0,02	0,61	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,06	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	2,90
Outros produtos químicos	0,39	0,30	0,08	0,03	0,03	0,00	0,01	0,00	3,46	0,00	0,00	0,42	0,01	0,00	0,35	0,00	0,00	0,04	4,71
Outros semi-manufaturados	35,36	19,56	15,80	10,08	0,49	1,13	0,36	0,00	30,53	0,00	1,40	16,41	0,00	0,00	5,11	0,00	0,00	0,94	91,75
Equip. de transporte e Maquinaria	651,67	220,23	431,44	326,42	26,53	9,62	30,89	7,84	323,54	0,17	0,00	96,32	0,00	2,87	6,00	3,04	12,11	16,33	1186,90
Equip. de telec. e escritório	512,61	161,54	351,06	294,05	7,76	7,79	29,79	0,01	237,93	0,10	0,00	64,17	0,00	1,78	4,02	2,26	2,09	0,00	870,28
Equip. de Telecomunicacao	44,74	41,34	3,39	1,72	0,02	0,00	0,00	0,00	3,81	0,00	0,00	12,13	0,00	0,00	0,91	0,00	0,00	0,00	61,61
Circ. Integ. e comp. eletronicos	1,53	0,29	1,24	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01	0,00	1,78	0,04	0,00	0,00	0,00	3,38
Equip. transporte e outras maquinas	139,06	58,68	80,38	32,37	18,77	1,83	1,10	7,83	85,61	0,07	0,00	32,15	0,00	1,09	1,98	0,78	10,02	16,33	316,62
Equip. de Transporte	116,31	46,59	69,72	27,60	18,03	1,37	1,09	7,78	79,86	0,07	0,00	30,12	0,00	1,09	0,44	0,78	9,91	16,33	283,19
Produtos automotivos	1,99	1,62	0,37	0,29	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,45	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00	3,47
Outros equip. transportes	114,32	44,96	69,35	27,31	18,03	1,37	1,09	7,78	79,86	0,07	0,00	28,67	0,00	1,09	0,43	0,78	9,91	16,33	279,72
Outras maquinas	22,76	12,09	10,66	4,77	0,74	0,46	0,00	0,05	5,75	0,00	0,00	2,03	0,00	0,00	1,54	0,00	0,11	0,00	33,43
Maq. de geracao de energia	0,01	0,00	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02
Máquinas não elétricas	3,12	1,11	2,01	1,77	0,00	0,35	0,00	0,04	4,01	0,00	0,00	0,16	0,00	0,00	0,10	0,00	0,01	0,00	7,79
Máquinas elétricas	19,62	10,99	8,63	2,99	0,74	0,11	0,00	0,01	1,74	0,00	0,00	1,87	0,00	0,00	1,44	0,00	0,09	0,00	25,62
Produtos Texteis	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,01
Roupas	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Outras manufaturas	62,30	32,30	30,00	21,36	0,06	0,00	0,19	1,84	14,86	0,00	0,00	3,82	0,00	0,00	3,76	0,00	0,00	0,06	86,91
Bens Pessoais e Domésticos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Instr. Científicos e de Controles	0,05	0,02	0,03	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,44	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00	0,54
Manufaturas variadas	62,24	32,28	29,96	21,34	0,06	0,00	0,19	1,84	14,41	0,00	0,00	3,80	0,00	0,00	3,74	0,00	0,00	0,06	86,37
Outros Produtos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Total	866,89	298,14	568,75	447,11	27,72	21,40	31,52	10,15	384,37	0,25	1,42	131,96	0,10	3,45	18,27	3,12	12,13	18,53	1531,28

Tabela 4: Destino das Exportações do Amazonas

Fonte :MDIC

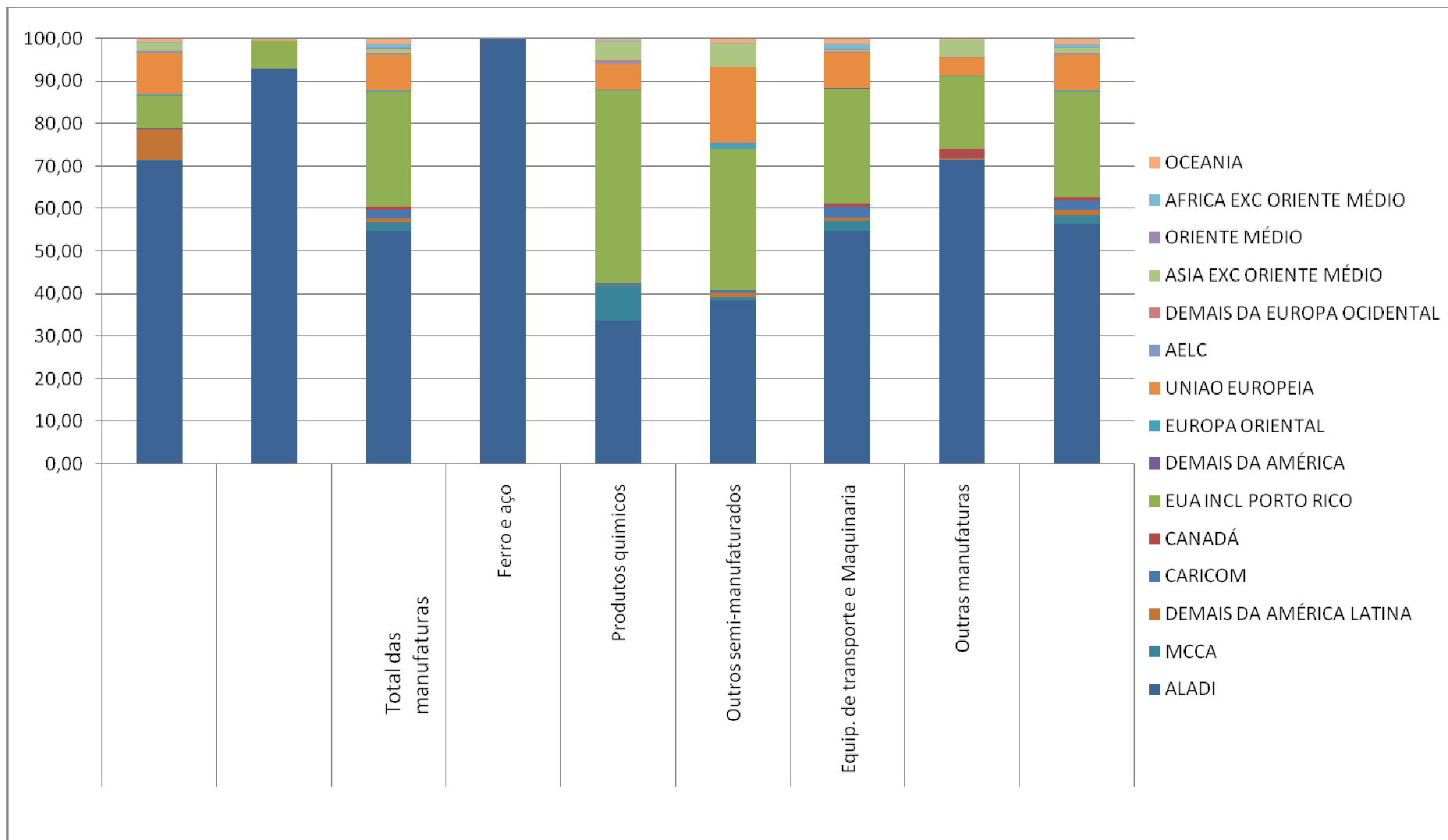


Figura 3A - EXPORTAÇÕES DO AMAZONAS

FONTE: MDIC

5. CONCLUSÃO

No atual estágio de globalização econômica em que se vive, o estudo de questões que estão diretamente vinculadas ao comércio internacional assume posição de destaque entre os temas sobre o desenvolvimento econômico. Como praticamente todos os países comercializam entre si, a identificação do padrão de especialização de um estado nação, ou mesmo de uma região que o compõe, representa informação valiosa para os rumos da política econômica a ser mantida ou encaminhada pelos atores responsáveis pelo aumento do nível do bem estar.

A comercialização internacional é, na maioria das vezes, benéfica para os países que vendem bens e serviços uns aos outros. Além disso, o comércio internacional permite que determinados setores e até regiões se especializem na produção de alguns bens, aumentando, dessa forma, o grau de competitividade. Contudo, pode ocorrer que certos segmentos sociais dessas regiões venham a ser prejudicados pelo processo de trocas internacionais, quando, por exemplo, estas afetam a distribuição da renda local, deslocando ou concentrando-a para apenas uns grupos.

O desempenho das exportações brasileiras últimas décadas tem surpreendido a maioria dos analistas econômicos. Condicionado a existência de demanda externa e, pelo lado da oferta, à manutenção de preços competitivos e capacidade produtiva para atender às demandas externas e internas, as exportações guardam uma correlação direta com a política cambial. No caso dos setores produtivos que possuem coeficientes mais elevados de componentes importados, como é o caso de parte das indústrias instaladas no Pólo Industrial de Manaus, a redução da taxa de câmbio tem beneficiado estes setores devido à redução dos custos e os ganhos de competitividade.

Neste trabalho o que se pôde verificar foi o destaque nas exportações do setor primário e das manufaturas que, em desagregação, indica o setor eletroeletrônico como o mais dinâmico. Porém, mesmo que os índices de

VCRS mostrem vantagem comparativa para este setor, o mesmo apresenta índices de CS negativo, ou seja, baixa contribuição ao saldo da balança comercial local. Este fenômeno está associado ao fato de que muitos produtos eletrônicos exportados, importam insumos que são utilizados em sua própria fabricação, caracterizando uma economia importadora, observando que a ZFM, em sua concepção, estava inserida em um contexto de políticas públicas de desenvolvimento, e portanto, tinha caráter de área destinada a importação.

Longe de estarem exauridos, temas sobre a especialização de atividades econômicas representam um campo de permanente debate e interesse, seja pela comunidade acadêmica ou por outros institutos de pesquisa econômica. A sustentabilidade da renda de uma economia que participa de maneira significativa do comércio internacional pode estar relacionada à sua capacidade de especializar-se cada vez mais em algumas atividades produtivas. O Amazonas e, essencialmente, o Pólo Industrial de Manaus, têm demonstrado sua capacidade de se adequar às transformações econômicas que assumem, principalmente a partir do final do século passado, velocidades, por vezes, assustadoras, de modo que o bem estar dos que aqui vivem depende dessa dinâmica.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO , E. S e ALMEIDA FILHO, N. “**Notas para uma Teoria do Desenvolvimento Capitalista: Contribuições e Limites da Teoria da Dependência**”, In Anais do VI Encontro Nacional da Sep. São Paulo, 2001.

AMENGUAL, Matthew y MILBERG, William. **Desarrollo Económico y Condiciones Laborales en Las Zonas Francas Industriales**. Oficina Internacional Del Trabajo – Ginebra, 2008.

BADO, Álvaro, L. **Revista de Economia e Relações Internacionais**. Faculdade de Economia da Fundação Armando Alvares Penteado. - Vol. 3, n. 5 (2004) - São Paulo: FEC-FAAP, 2004.

BALASSA, Bela. **El Desarrollo Económico y La Integración**. Centro de Estudios Monetários Latinoamericanos. México, 1965.

CARVALHO, Maria Auxiliadora de, LEITE, César Roberto da S. **Economia Internacional**. 4º Ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

CAVALCANTI, Marco Antônio de Hollanda. **Integração Econômica e Localização sob Concorrência Imperfeita**. BNDES: Departamento de Relações Institucionais, 1997.

CAVALCANTI, L. M. T. **Produção Teórica em economia regional: Uma Proposta se Sistematização**. NPGA – UFBA. (Inserir data)

FAJNZYLBBER, F. **La industrialización trunca de América Latina**. México, D.F., Editorial Nueva Imagen, 1983.

_____. **Industrialización en América Latina: de la "caja negra" al "casillero vacío"**. Comparación de patrones contemporáneos de industrialización. Cuadernos de la CEPAL, Núm. 60, Santiago, Chile, Nações Unidas, 1989.

FU, Xiaolan. Universidad de Oxford y GAO, Yuning, Universidad de Cambridge. **Estúdio sobre Las Zonas Francas Industriales in China**, 2007.

HOLLAND, Márcio e VIEIRA, Fabrício de A. **Crescimento. Econômico Secular no Brasil, Modelo do Thirlwall e Termos de Troca (...)** 2006.

HIRSCHMAN, Albert O. **Estratégia do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Fundo da Cultura, 1958.

JAKOBSEN, Kjeld. **Comércio Internacional e Desenvolvimento**. Do GATT à OMC: discurso e prática. Fundação Perseu Abramo – SP, 2005.

KON, Anita. **Economia Industrial**. NOBEL –SP, 1994

KRUGMAN, Paul. **Development, Geography, end Economic Theory**. Massachusetts: MIT Press, 4^o ed., 1998.

KRUGMAN, Paul R; OBSTFELD, Maurice. **Economia Internacional: Teoria e Política**. 5. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2001.

MARSHALL, Alfred. **Princípios de Economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1992. (Os economistas; Primeira edição: 1990).

PERROUX, F. **L' économie Du XX siècle**. Paris : Presses Universitaires de France, 1961.

QUES, Juan T. **Economia Internacional: Globalización e Integración Regional**. Mc Graw Hill, 2005.

RAINELLI, Michel. **Nova Teoria do Comércio Internacional**; Tradução: Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 1998.

_____. **Comércio Internacional**. Barueri, SP: Manole Editora, 2004.

SA, Mauro Thury de V., **A Indústria de Bens Eletrônicos de Consumo Frente a uma Nova Rodada de Abertura**. Tese de doutorado – Campinas, SP: [s.n.], 2004.

SCHAPOSNIK, Eduardo Carlos. **As Teorias da Integração e o Mercosul: estratégias**; Tradução: Delvia Valladão Ferreira de Carvalho e Rodaldo Assunção. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997.

TAVARES, Laura. (1995). **Ajuste Neoliberal e Desajuste Social na América Latina**. Tese de doutorado. Campinas, IE/UNICAMP.

THIRLWALL A. P. **A Natureza do Crescimento Econômico: Um Referencial Alternativo para Compreender o Desempenho das Nações**, IPEA, 2005.

SÖDERTEIN, Bo. **Economia Internacional**. São Paulo: Interciência, 1979.

JAKOBSEN, Kjeld. **Comércio Internacional e Desenvolvimento**. Do GATT à OMC: discurso e prática. Fundação Perseu Abramo – SP, 2005.

APÊNDICE

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR
 SECEX - SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR
 EXPORTAÇÃO BRASILEIRA
 Pauta de exportação do Amazonas – 2006

Código NCM	Descrição NCM	Qde. de P1	Kg Líquido de P1	US\$ de P1
03011090	OUTS.PEIXES ORNAMENTAIS VIVOS	27389619	107608	2279898
03019990	OUTROS PEIXES VIVOS	0	6493	122837
03026990	OUTROS PEIXES FRESCOS,REFRIG.EXC.FILES,OUTS.CARNES,ETC.	0	97423	91637
03037990	OUTROS PEIXES CONGELADOS,EXC.FILES,OUTROS CARNES,ETC.	0	342072	279393
03051000	FARINHAS,POS E "PELLETS" DE PEIXES,P/ALIMENTACAO HUMANA	0	1	82
03055990	OUTROS PEIXES SECOS,MESMO SALGADOS MAS NAO DEFUMADOS	0	612	8259
03061900	OUTS.CRUSTACEOS CONGEL.INCL.FARINHAS,ETC.P/ALIM.HUMANA	0	3	291
04100000	OUTROS PRODUTOS COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	0	64	358
08012100	CASTANHA-DO-PARA,FRESCA OU SECA,COM CASCA	0	3149967	5389890
08012200	CASTANHA-DO-PARA,FRESCA OU SECA,SEM CASCA	0	305402	1213880
08121000	CEREJAS CONSERVADAS EM AGUA SALGADA,SULFURADA,ETC.	0	22353	36467
12010090	OUTROS GRAOS DE SOJA,MESMO TRITURADOS	3053	3052791	700403
12079990	OUTRAS SEMENTES E FRUTOS OLEAGINOSOS,MESMO TRITURADOS	0	44	6400
12099900	OUTRAS SEMENTES,FRUTOS E ESPOROS,PARA SEMEADURA	0	388	16379
12119090	OUTRAS PLANTAS E PARTES,P/PERFUMARIA,MEDICINA E SEMELHS	0	2024	14676
13019000	OUTS.GOMAS,RESINAS,GOMAS-RESINAS,OLEORRESINAS,NATURAIS	0	29813	180200
13021950	SUCOS E EXTRATOS,DE "GINSENG"	0	2	61
13021990	SUCOS E EXTRATOS,DE OUTROS VEGETAIS	0	4863	40930
13023100	AGAR-AGAR	0	1	40
15041019	OUTROS OLEOS DE FIGADOS DE BACALHAU	0	3	125
15042000	GORDURAS E OLEOS,DE PEIXE E RESPECTIVAS FRACOES	0	3	219
15071000	OLEO DE SOJA,EM BRUTO,MESMO DEGOMADO	500	500000	257940
15079019	OLEO DE SOJA,REFINADO,EM RECIPIENTES COM CAPACIDADE>5L	5300	5300000	3016400
15159090	OUTRAS GORDURAS E OLEOS VEGETAIS,MESMO REFIN.	0	11009	124351
15180000	GORDURAS E OLEOS,ANIMAIS,VEGETAIS,COZIDOS,OXIDADOS,ETC.	0	100	6646
18063110	CHOCOLATE RECHEADO,EM TABLETES,BARRAS E PAUS	0	5108	129426
20089900	OUTS.FRUTAS,PARTES DE PLANTAS,PREPARS/CONSERVS.OUT.MODO	0	8901	23710
20098000	SUCOS DE OUTRAS FRUTAS,PRODS.HORTICOLAS,NAO FERMENTADOS	0	143525	178388
21022000	LEVEDURAS MORTAS,OUTROS MICROORGAN.MONOCELULARES MORTOS	0	4	155
21069010	OUTRAS PREPARACOES PARA ELABORACAO DE BEBIDAS	0	9505982	117252138
21069030	COMPLEMENTOS ALIMENTARES	0	10553	347935
22021000	AGUA INCL.MINERAL/GASEIF.ADICION.ACUCAR,AROMATIZADA,ETC	9000	9000	2190
22029000	OUTRAS BEBIDAS N/ALCOOLICAS,EXC.SUCO FRUTAS,PRODS.HORTS	3595	5373	89494
22030000	CERVEJAS DE MALTE	765072	784561	342461
23040090	BAGACOS E OUTS.RESIDUOS SOLIDOS,DA EXTR.DO OLEO DE SOJA	3000	3000000	545310
25070090	OUTRAS ARGILAS CAULINICAS,MESMO CALCINADAS	0	8	858
25232990	OUTROS TIPOS DE CIMENTO "PORTLAND"	0	9281063	891120
27101159	OUTRAS GASOLINAS	944	692204	432779
27101921	"GASOLEO" (OLEO DIESEL)	12875	10649594	6894016
27101992	LIQUIDOS PARA TRANSMISSOES HIDRAULICAS	0	57	490
28259090	OXIDOS,HIDROXIDOS E PEROXIDOS DE OUTROS METAIS,ETC.	0	16331	81630
28433090	OUTS.COMPOSTOS DE OURO,EXCLUSIVAMENTE AURANOFINA,ETC.	0	150	2004941
28444090	OUTROS ELEMENTOS,ISOTOPOS E COMPOSTOS,RADIOATIVOS,ETC.	0	0	50
29232000	LECITINAS E OUTROS FOSFOAMINOLIPIDIOS	0	5	297
29251100	SACARINA E SEUS SAIS	0	1	8
29299011	ACIDO CICLAMICO DE SODIO E SEUS SAIS	0	5	8
29362811	D- OU DL-ALFA-TOCOFEROL,NAO MISTURADOS	0	1	84
29389090	OUTS.HETEROSIDEOS,SEUS SAIS,ETERES,ESTERES E DERIVADOS	0	3	1741
29392100	QUININA E SEUS SAIS	0	75	13708
29393010	CAFEINA	0	275000	2708751
29400019	OUTROS ACUCARES QUIMICAMENTE PUROS	0	100	1145

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR
 SECEX - SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR
 EXPORTAÇÃO BRASILEIRA
 Pauta de exportação do Amazonas – 2006

30064011	CIMENTOS PARA OBTURACAO DENTARIA	0	17	2808
30064012	OUTROS PRODUTOS PARA OBTURACAO DENTARIA	0	413	168626
32041700	PIGMENTOS E SUAS PREPARACOES	0	2	18203
32041912	PREPARACOES CONT.BETA-CAROTENO,ETC.P/COLORIR ALIMENTOS	0	5	1079
32082020	VERNIZES DE POLIM.ACRIL/VINIL.DISPERS/DISSOLV.N/AQUOSO	0	288	5111
32159000	TINTAS DE ESCREVER OU DE DESENHAR E OUTRAS TINTAS	0	17742	238620
33011100	OLEO ESSENCIAL,DE BERGAMOTA	0	90	14664
33011290	OUTROS OLEOS ESSENCIAIS,DE LARANJA	0	88	5681
33011300	OLEO ESSENCIAL,DE LIMAO	0	26	6491
33011400	OLEO ESSENCIAL,DE LIMA	0	79	7545
33012915	OLEO ESSENCIAL,DE PAU-ROSA	0	23850	1766842
33019030	AGUA DESTILADA AROMAT.E SOL.AQUOSA DE OLEOS ESSENCIAIS	0	2	891
33021000	MISTURAS UTIL.MATERIA BASICA P/INDS.ALIMENTAR/DE BEBIDA	0	1944	47402
33051000	XAMPUS PARA OS CABELOS	0	300	854
35030019	OUTRAS GELATINAS E SEUS DERIVADOS	0	6	251
35061090	OUTS.PRODS.UTILIZADOS COMO COLAS OU ADESIVOS,PESO<=1KG	0	1649	10956
37011010	CHAPAS/FILMES PLANOS,P/RAIOS X,SENSIB.1 FACE,N/IMPRESS.	5	10	211
37011021	CHAPAS/FILM.PLANOS,P/RAIOS X ODONT.SENSIB.2 F.N/IMPRESS	7411	2107	43155
37011029	OUTS.CHAPAS/FILM.PLANOS,P/RAIOS X,SENSIB.2 F.N/IMPRESS.	46670	12942	150558
37025411	FILMES P/FOTO CORES,SENSIB.N/IMPR.L=35MM,C<=30M,BOBINAS	1120	11	969
37025419	OUTS.FILMES P/FOTO CORES,N/IMPRESS.L=35MM,C<=30M,ROLOS	16572600	291878	11613547
37031010	PAPEL,ETC.P/FOTO CORES,SENSIB.N/IMPR.EM ROLOS,L>610MM	0	39429	304607
37031029	OUTS.PAPEIS P/FOTO MONOCROM.SENSIB.N/IMPR.ROLOS,L>610MM	0	98	1217
37032000	OUTROS PAPEIS P/FOTO A CORES,SENSIBIL.N/IMPRESSIONADOS	0	5886221	38799894
37079029	OUTROS REVELADORES PARA USO FOTOGRAFICO	0	113584	2075681
37079090	OUTRAS PREPARACOES QUIMICAS P/USOS FOTOGRAFICOS,ETC.	0	346	3420
38101020	PASTAS E POS PARA SOLDAR	0	637	43199
38109000	OUTROS FLUXOS/PREPARS.AUXILIARES/VARETAS,P/SOLDAR,ETC.	0	25463	144884
38249029	OUTS.DERIVADOS DE ACIDOS GRAXOS INDUSTRIAIS,PREPARS.ETC	0	1178	3888
38249079	OUTROS PRODS.E PREPARS.A BASE DE ELEMENTOS QUIMICOS,ETC	0	8820	49896
38249089	OUTROS PRODS.E PREPARS.A BASE DE COMPOSTOS ORGANICOS	0	4851	57351
39023000	COPOLIMEROS DE PROPILENO,EM FORMAS PRIMARIAS	0	100	227
39029000	OUTROS POLIMEROS DE PROPILENO/OLEFINAS,EM FORMAS PRIMAR	0	35	158
39033020	COPOLIMEROS DE ACRILONITRILA-BUTADIENO-ESTIRENO,S/CARGA	0	1410	7988
39044090	OUTS.COPOLIMEROS DE CLORETO DE VINILA,FORMAS PRIMARIAS	0	354000	347874
39074090	OUTS.POLICARBONATOS EM FORMAS PRIMARIAS	0	1100	12408
39162000	MONOFILAMENTOS (MONOFIOS),ETC.DE POLIM.CLORETO VINILA	0	19	202
39172900	TUBO RIGIDO,DE OUTROS PLASTICOS	0	20	470
39191000	CHAPAS,FLS.ETC.AUTO-ADESIVAS,DE PLASTICOS,ROLOS,L<=20CM	0	205	4867
39199000	OUTS.CHAPAS,FOLHAS,TIRAS,ETC.AUTO-ADESIVAS,DE PLASTICOS	0	43	13898
39201099	OUTRAS CHAPAS DE POLIMEROS DE ETILENO,N/REFORCADAS,ETC.	0	58	26446
39203000	CHAPAS,ETC.DE POLIMEROS ESTIRENO,S/SUPORTE,N/REFORC.ETC	0	488	3844
39204390	OUTS.CHAPAS DE POLIM.CLORETO VINILA,PLAST>=6%	0	9	616
39219090	OUTS.CHAPAS,FOLHAS,PELICULAS,TIRAS,LAMINAS,DE PLASTICOS	0	1870	15785
39232190	OUTROS SACOS,BOLSAS E CARTUCHOS,DE POLIMEROS DE ETILENO	0	17	213
39232910	SACOS,BOLSAS E CARTUCHOS,DE OUTS.PLASTICOS,CAP<=1000CM3	0	0	2
39234000	BOBINAS,CARRETEIS E SUPORTES SEMELHANTES,DE PLASTICOS	0	71224	148858
39235000	ROLHAS,TAMPAS,ETC.P/FECHAR RECIPIENTES,DE PLASTICOS	0	350	2200
39239000	OUTS.ARTIGOS DE TRANSPORTE OU DE EMBALAGEM,DE PLASTICOS	0	377	4683
39259000	OUTS.ARTEFATOS P/APETRECHAM.DE CONSTRUCOES,DE PLASTICOS	0	82849	251909
39269090	OUTRAS OBRAS DE PLASTICOS	0	124861	1286809
40069000	OUTRAS FORMAS E ARTIGOS,DE BORRACHA NAO VULCANIZADA	0	0	1

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR
 SECEX - SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR
 EXPORTAÇÃO BRASILEIRA
 Pauta de exportação do Amazonas – 2006

40091100	TUBO BORRACHA VULCAN.N/ENDUR.N/REFORC.S/ACESS	0	1	170
40103900	OUTRAS CORREIAS DE TRANSMISSAO	0	0	9
40114000	PNEUS NOVOS PARA MOTOCICLETAS	9	24	157
40161090	OUTRAS OBRAS DE BORRACHA VULCANIZADA ALVEOLAR N/ENDUREC	0	2	8
40169300	JUNTAS,GAXETAS,SEMELHS.DE BORRACHA VULCAN.N/ENDURECIDA	0	176	13369
40169990	OUTRAS OBRAS DE BORRACHA VULCANIZADA,NAO ENDURECIDA	0	39	293
40170000	BORRACHA ENDURECIDA E OBRAS DE BORRACHA ENDURECIDA	0	5	4
44034900	OUTRAS MADEIRAS TROPICAIS,EM BRUTO	1436	383500	77956
44072910	MADEIRA DE CEDRO,SERRADA/CORTADA EM FOLHAS,ETC.ESP>6MM	980	741071	625616
44072920	MADEIRA DE IPE,SERRADA/CORTADA EM FOLHAS,ETC.ESP>6MM	1254	1309092	1171212
44072940	MADEIRA DE LOURO,SERRADA/CORTADA EM FOLHAS,ETC.ESP>6MM	1397	1583930	784903
44072990	OUTRAS MADEIRAS TROPICAIS,SERRADAS/CORT.FLS.ETC.ESP>6MM	11379	12340369	5041759
44079990	OUTRAS MADEIRAS SERRADAS/CORTADAS EM FOLHAS,ETC.ESP>6MM	3470	3458876	2365468
44083999	FOLHAS P/FOLHEAD.ETC.DE OUTS.MADEIRAS TROPIC.	122	125420	19450
44089090	FOLHAS P/FOLHEAD.ETC.DE OUTS.MADEIRAS	26269	154370	58782
44091000	MADEIRA DE CONIFERAS,PERFILADA	724	680526	515818
44092000	MADEIRA DE NAO CONIFERAS,PERFILADA	46103	6861200	5741011
44129900	OUTRAS MADEIRAS COMPENSADAS,FOLHEADAS OU ESTRATIFICADAS	647	316800	274351
44130000	MADEIRA "DENSIFICADA",EM BLOCOS,PRANCHAS,LAMINAS,PERFIS	113	142000	22500
44183000	PAINEIS DE MADEIRA,PARA SOALHOS	131	157231	153669
44201000	ESTATUETAS E OUTROS OBJETOS,DE MADEIRA,P/ORNAMENTACAO	0	5	465
44209000	MADEIRA MARCHETADA/INCRUSTADA,COFRES,ETC.DE MADEIRA	0	284	6550
48162000	PAPEL AUTOCOPIATIVO,MESMO EM CAIXAS	0	652	3510
48191000	CAIXAS DE PAPEL OU CARTAO,ONDULADOS (CANELADOS)	0	150	1095
48192000	CAIXAS E CARTONAGENS,DOBRAVEIS,DE PAPEL/CARTAO,N/ONDUL.	0	575	35215
48194000	OUTROS SACOS,BOLSAS E CARTUCHOS,DE PAPEL OU CARTAO	0	13	500
48195000	OUTS.EMBALAGENS DE PAPEL OU CARTAO,INCL.CAPAS P/DISCOS	0	21	350
48211000	ETIQUETAS DE PAPEL OU CARTAO,IMPRESSAS	0	618	84533
48219000	OUTRAS ETIQUETAS DE PAPEL OU CARTAO	0	67	2457
48229000	CARRETEIS,BOBINAS,ETC.DE PAPEL/CARTAO,P/OUTROS USOS	0	8194	13440
49089000	OUTRAS DECALCOMANIAS DE QQ.ESPECIE	0	357	417210
49111010	IMPRESSOS PUBLICIT/CATALOGOS COMALS.(MANUAIS TECNICOS)	0	835	3848
49119100	ESTAMPAS,GRAVURAS E FOTOGRAFIAS	0	1	485
54076900	TECIDO DE OUTROS FILAMENTOS DE POLIESTER>=85%	0	30	8374
56029000	OUTS.FELTROS IMPREGNADOS/REVESTIDOS/RECOBERTOS/ESTRATIF	0	1	102
56031190	FALSOS TECIDOS DE OUTS.FILAMENTOS SINT/ARTIF.P<=25G/M2	0	4	420
57049000	OUTROS TAPETES/REVESTIMENTOS P/PAVIM.DE FELTRO	1260	1555	3049
67010000	PELES/OUTS.PARTES DE AVES,C/SUAS PENAS,ETC.TRABALHADOS	0	5	454
68159919	OUTS.OBRAS DE PEDRAS/MATERIAS MINERAIS,ELETROFUNDIDAS	0	8	20
69051000	TELHAS DE CERAMICA	0	1186561	160066
69059000	OUTROS PRODUTOS CERAMICOS PARA CONSTRUCAO	0	7318	21068
70099200	ESPELHOS DE VIDRO,EMOLDURADOS	0	2	30
71069290	PRATA EM OUTRAS FORMAS SEMIMANUFATURADAS	0	18	8220
71131100	ARTEFATOS DE JOALHARIA,DE PRATA,MESMO FOLH.DE MET.PREC.	0	1	3366
71141900	ARTEFATOS DE OURIVESARIA,DE OUTROS METAIS PRECIOSOS,ETC	0	659	7447039
71159000	OUTRAS OBRAS DE METAIS PREC/METAIS FOLH/CHAP.METAL PREC	0	21	10876
71171900	OUTRAS BIJUTERIAS DE METAIS COMUNS	0	2	33929
71179000	OUTRAS BIJUTERIAS	0	42	3013
72044900	OUTROS DESPERDICIOS E RESIDUOS DE FERRO OU ACO	0	233773	29080
73064000	OUTROS TUBOS DE ACOS INOX.SOLD.SEC.CIRC.	0	4	131
73110000	RECIPIENTES DE FERRO/ACO,P/GASES COMPRIMIDOS/LIQUEFEIT.	0	413872	1313565
73151100	CORRENTE DE ROLOS,DE FERRO FUNDIDO,FERRO OU ACO	0	3	23

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR
SECEX - SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR
EXPORTAÇÃO BRASILEIRA
Pauta de exportação do Amazonas – 2006

73151210	CORRENTE DE TRANSMISSAO,DE FERRO FUNDIDO,FERRO OU ACO	0	123255	318458
73170090	PREGOS,PERCEVEJOS,ARTEFS.SEMELH.DE FERRO FUND/FERRO/ACO	0	0	13
73181500	OUTS.PARAFUSOS/PINOS/PERNOS,DE FERRO FUNDIDO/FERRO/ACO	0	151	1734
73181600	PORCAS DE FERRO FUNDIDO,FERRO OU ACO	0	14	137
73181900	OUTROS ARTEFATOS ROSCADOS,DE FERRO FUNDIDO,FERRO OU ACO	0	0	4
73182100	ARRUELAS DE PRESSAO OU SEGURANCA,DE FERRO FUNDIDO,ETC.	0	3	147
73182200	OUTRAS ARRUELAS DE FERRO FUNDIDO,FERRO OU ACO	0	5	158
73182300	REBITES DE FERRO FUNDIDO,FERRO OU ACO	0	0	9
73182400	CHAVETAS/CAVILHAS,ETC.DE FERRO FUNDIDO,FERRO OU ACO	0	0	3
73182900	OUTROS ARTEFATOS N/ROSCADOS,DE FERRO FUNDIDO/FERRO/ACO	0	23	14092
73201000	MOLAS DE FOLHAS E SUAS FOLHAS,DE FERRO OU ACO	0	11	488
73202010	MOLAS HELICOIDAIS CILINDRICAS,DE FERRO OU ACO	0	252	9449
73202090	OUTRAS MOLAS HELICOIDAIS DE FERRO OU ACO	0	9	35
73209000	OUTRAS MOLAS DE FERRO OU ACO	0	0	323
73261900	OUTRAS OBRAS FORJADAS/ESTAMPADAS,DE FERRO OU ACO	0	13	100
73269000	OUTRAS OBRAS DE FERRO OU ACO	0	64	537
74071010	BARRAS DE COBRE REFINADO	0	5650	20673
74182000	ARTEFATOS DE COBRE,DE HIGIENE/TOUCADOR E SUAS PARTES	0	40	1832
76012000	LIGAS DE ALUMINIO EM FORMA BRUTA	0	5067	12231
78030000	BARRAS,PERFIS E FIOS,DE CHUMBO	0	8300	40624
80012000	LIGAS DE ESTANHO,EM FORMA BRUTA	0	58870	442818
80020000	DESPERDICIOS E RESIDUOS,DE ESTANHO	0	13441	106647
80030000	BARRAS,PERFIS E FIOS,DE ESTANHO	0	77960	1103640
80070000	OUTRAS OBRAS DE ESTANHO	0	2493	31739
81039000	OUTRAS OBRAS DE TANTALO	0	1580000	9427466
82041100	CHAVES DE PORCAS,MANUAIS,DE ABERT.FIXA,DE METAIS COMUNS	0	11	87
82073000	FERRAMENTAS DE EMBUTIR/ESTAMPAR/PUNCIONAR,DE MET.COMUNS	0	1565	3230
82121020	APARELHOS DE BARBEAR,NAO ELETRICOS	448506800	4490837	47044872
82122010	LAMINAS DE BARBEAR,DE SEGURANCA,DE METAIS COMUNS	752927949	1406083	27161411
82129000	OUTS.PARTES DE NAVALHAS/APARS.DE BARBEAR,DE MET.COMUNS	0	48563	232033
83012000	FECHADURAS DE METAIS COMUNS,P/VEICULOS AUTOMOVEIS	0	4	188
83014000	OUTRAS FECHADURAS E FERROLHOS,DE METAIS COMUNS	0	803	12159
83016000	PARTES DE CADEADOS,FECHADURAS,ETC.DE METAIS COMUNS	0	0	1
83017000	CHAVES DE METAIS COMUNS,APRESENTADAS ISOLADAMENTE	0	0	12
83026000	FECHOS AUTOMATICOS DE METAIS COMUNS,P/PORTAS	0	19805	475947
83030000	COFRES-FORTES,PORTAS BLINDADAS,ETC.DE METAIS COMUNS	0	804283	3739272
83091000	CAPSULAS DE COROA,DE METAIS COMUNS,P/EMBALAGEM	0	240560	391606
83112000	FIOS REVEST.INTERIORM.P/SOLDAR A ARCO,DE METAIS COMUNS	0	4868	17085
83119000	OUTROS FIOS,VARETAS,TUBOS,CHAPAS,ETC.DE METAIS COMUNS	0	20742	189659
84072990	OUTROS MOTORES DE EXPLOSAO,P/EMBARCACAO	3	433	7809
84073200	MOTORES DE EXPLOSAO,P/VEIC.CAP.87,SUP.50CM3 ATE 250CM3	2621	72258	1468947
84091000	PARTES DE MOTORES PARA AVIACAO	0	9	483
84099112	BLOCOS DE CILINDROS,CABECOTES,ETC.P/MOTORES DE EXPLOSAO	7	14	242
84099113	CARBURADORES PARA MOTORES DE EXPLOSAO	208443	180090	8056471
84099114	VALVULAS DE ADMISSAO OU DE ESCAPE,P/MOTORES DE EXPLOSAO	37	2	105
84099116	ANEIS DE SEGMENTO,PARA MOTORES DE EXPLOSAO	30	6	156
84099120	PISTOES OU EMBOLOS,PARA MOTORES DE EXPLOSAO	106	12	491
84099190	OUTRAS PARTES PARA MOTORES DE EXPLOSAO	0	84716	1906017
84099912	BLOCOS DE CILINDROS,CABECOTES,ETC.P/MOTORES DIESEL/SEMI	7	0	407
84122900	OUTROS MOTORES HIDRAULICOS	8	348	11483
84123110	CILINDROS PNEUMATICOS	1	0	9
84133030	BOMBAS P/OLEO LUBRIFICANTE,P/MOTOR EXPLOSAO/DIESEL/SEMI	68	15	387

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR
 SECEX - SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR
 EXPORTAÇÃO BRASILEIRA
 Pauta de exportação do Amazonas – 2006

84136011	BOMBAS VOLUMETR.ROTATIVAS,VAZAO<=300L/MIN.DE ENGENHAGEM	1	18	280
84151019	OUTS.APARS.DE AR CONDICION.CAP<=30000 FRIG/H,P/JANELAS	24033	724671	3341452
84151090	OUTROS APARELHOS DE AR CONDICIONADO,P/JANELAS,ETC.	142	3692	33507
84158210	OUTS.APARS.DE AR CONDICIONADO,C/DISP.REFRIG.C<=30000F/H	34	547	7489
84159000	PARTES DE MAQUINAS E APARELHOS DE AR CONDICIONADO	0	10431	37993
84213100	FILTROS DE ENTRADA DE AR P/MOTORES A EXPLOSAO/DIESEL	20	7	109
84213990	OUTROS APARELHOS P/FILTRAR OU DEPURAR GASES	32	20	432
84219999	OUTS.PARTES DE APARS.P/FILTRAR OU DEPURAR LIQUIDOS,ETC.	0	0	65
84553090	OUTROS CILINDROS DE LAMINADORES DE METAIS	100	8	197
84621019	MAQS.FERRAM.P/FORJAR METAIS,MARTELOS,ETC.C/CMDO.NUMER.	1	12	1176
84663000	DISPOSITIVOS DIVISORES/ESPECIAIS P/MAQUINAS FERRAM.	0	8	265
84669410	PARTES E ACESS.DE MAQUINAS FERRAM.P/FORJAR,ETC.METAIS	0	26	265
84669420	PARTES E ACESS.DE MAQUINAS FERRAM.P/ENROLAR,ETC.METAIS	0	12	25971
84688090	OUTRAS MAQUINAS E APARELHOS P/SOLDAR	23	1256	10795
84715010	UNID.PROC.DIGIT.PEQ.CAP.BASE MICROPROCESS.FOB<=US\$12500	810	4011	799430
84716052	TECLADOS P/MAQUINAS AUTOMAT.PROC.DADOS	71	34	6443
84716072	UNIDADE DE SAIDA POR VIDEO,C/TUBO RAIOS CATOD.POLICROM.	189306	2464068	15785436
84716074	OUTRAS UNIDADES DE SAIDA POR VIDEO,POLICROMATICAS	114251	400984	21979611
84716080	TERMINAIS DE AUTO-ATENDIMENTO BANCARIO	226	78404	1856947
84717012	UNIDADES DE DISCOS MAGNETICOS,P/DISCOS RIGIDOS	50168	29691	2204916
84729010	DISTRIBUIDORES AUTOMAT.PAPEL-MOEDA,INCL.EFET.OUTS.OPER.	360	195823	2089630
84729040	MAQUINAS DE APONTAR LAPIS,PERFURADORES,GRAMPEADORES,ETC	19	71	22
84729090	OUTRAS MAQUINAS E APARELHOS DE ESCRITORIO,BANCARIO,ETC.	4106	13760	618367
84733027	CARTUCHOS DE TINTA,P/IMPRESSORAS	420	150	304
84733029	OUTS.PARTES E ACESS.DE IMPRESSORAS/TRACADORES GRAFICOS	0	734	83151
84733049	OUTS.CIRCUITOS IMPRESSOS P/MAQUINAS AUTOMAT.PROC.DADOS	1008	52	3001
84733099	OUTRAS PARTES E ACESS.P/MAQUINAS AUTOMAT.PROC.DADOS	0	6	175
84734070	OUTS.PARTES E ACESS.P/MAQS.BANCARIA,DISTRIB.PAPEL-MOEDA	0	191243	5578913
84798911	OUTRAS PRENSAS	1	120	9667
84798999	OUTRAS MAQUINAS E APARELHOS MECANICOS C/FUNCAO PROPRIA	22	55	583
84799090	OUTS.PARTES DE MAQUINAS E APARS.MECAN.C/FUNCAO PROPRIA	0	45	29984
84803000	MODELOS P/MOLDES	607	1626	81208
84805000	MOLDES P/VIDROS	27535	73001	2744244
84807100	MOLDES P/MOLDAGEM DE BORRACHA/PLASTICO,POR INJECAO,ETC	1181	5050	142391
84814000	VALVULAS DE SEGURANCA OU DE ALIVIO	5	0	35
84818019	OUTROS DISPOSITIVOS UTIL.EM BANHEIROS/COZINHAS	82	50	4340
84818029	OUTROS DISPOSITIVOS UTIL.EM REFRIGERACAO	265	265	3151
84819090	PARTES DE TORNEIRAS,OUTS.DISPOSITIV.P/CANALIZACOES,ETC.	0	4	653
84821010	ROLAMENTOS DE ESFERAS,DE CARGA RADIAL	668	32	921
84821090	OUTROS ROLAMENTOS DE ESFERAS	2	0	30
84825010	ROLAMENTOS DE ROLETES CILINDRICOS,DE CARGA RADIAL	10	2	121
84825090	OUTROS ROLAMENTOS DE ROLETES CILINDRICOS	10	2	176
84829120	ROLETES CILINDRICOS P/ROLAMENTOS	0	4	194
84829900	OUTRAS PARTES DE ROLAMENTOS	0	1	28
84831020	ARVORES DE "CAMES" PARA COMANDO DE VALVULAS	12	5	160
84831030	VEIOS FLEXIVEIS DE TRANSMISSAO	2	0	4
84833090	OUTROS MANCAIS SEM ROLAMENTOS	5	0	2
84834010	CAIXAS DE TRANSMISSAO,REDUTORES,ETC.DE VELOCIDADE	1	0	4
84834090	ENGRENAGENS E RODAS DE FRICCAO,EIXOS DE ESFERAS/ROLETES	90	42	1646
84836011	EMBREGENS DE FRICCAO	22	26	705
84839000	PARTES DE ARVORES DE TRANSMISSAO,MANIVELAS,MANCAIS,ETC.	0	155287	971154
84842000	JUNTAS DE VEDACAO,MECANICAS	0	0	1

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR
SECEX - SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR
EXPORTAÇÃO BRASILEIRA
Pauta de exportação do Amazonas – 2006

84859000	PARTES DE OUTS.MAQUINAS OU APARS.SEM CONEXOES ELETR.ETC	0	15	16947
85013110	MOTOR ELETR.DE CORRENTE CONTINUA,37.5W<POT<=750W	8	28	204
85013120	GERADOR ELETR.DE CORRENTE CONTINUA,POT<=750W	1	16	3612
85014019	OUTROS MOTORES ELETR.DE CORR.ALTERN.MONOF.37.5W<P<=15KW	4	6	43
85043111	TRANSFORMADOR ELETR.POT<=1KVA,P/FREQ<=60HZ,DE CORRENTE	2650	1046	21750
85043119	OUTROS TRANSFORMADORES ELETR.POT<=1KVA,P/FREQ<=60HZ	393095	7058	732389
85043191	TRANSFORMADOR ELETR.POT<=1KVA,SAIDA HORIZ.T>18KV,ETC.	3	1	33
85043199	OUTROS TRANSFORMADORES ELETR.POT<=1KVA	39	10	290
85044010	CARREGADORES DE ACUMULADORES (CONV.ELETR.)	347888	20687	745123
85044021	RETIFICADORES DE CRISTAL (SEMICONDUCTORES) (CONV.ELETR.)	25600	11873	927408
85044050	CONVERSORES ELETRONICOS DE FREQ.P/VAR.VEL.MOTOR ELETR.	800	175	17271
85044090	OUTROS CONVERSORES ELETRICOS ESTATICOS	103	138	4309
85045000	OUTRAS BOBINAS DE REATANCIA E DE AUTO-INDUCAO	502994	74185	978708
85049090	OUTRAS PARTES DE OUTRAS TRANSFORMADORES,CONVERSORES,ETC	0	792	43832
85071000	ACUMULADORES ELETR.DE CHUMBO,P/ARRANQUE DE MOTOR PISTAO	27	54	286
85072010	OUTROS ACUMULADORES ELETRICOS,DE CHUMBO,PESO<=1000KG	30	8	406
85078000	OUTROS ACUMULADORES ELETRICOS	381903	14710	1417572
85079090	OUTRAS PARTES P/ACUMULADORES ELETR.	0	1388	269188
85098000	OUTS.APARELHOS ELETROMECAN.C/MOTOR ELETR.USO DOMESTICO	198	128	3190
85111000	VELAS DE IGNICAO P/MOTOR EXPLOSAO/DIESEL	60	2	59
85112010	MAGNETOS P/MOTOR EXPLOSAO/DIESEL	15	3	72
85114000	MOTORES DE ARRANQUE P/MOTOR EXPLOSAO/DIESEL	20	40	851
85115090	OUTROS GERADORES P/MOTOR EXPLOSAO/DIESEL	1	2	238
85118090	OUTS.APARS.E DISPOSIT.ELETR.DE IGNICAO,ETC.P/MOTOR EXPL	38	4	1658
85119000	PARTES DE APARS.DISPOSIT.ELETR.IGNICAO,ETC.P/MOTOR EXPL	0	1	52
85122011	FAROIS P/AUTOMOVEIS E OUTROS CICLOS	11	5	40
85122021	LUZES FIXAS P/AUTOMOVEIS E OUTROS CICLOS	60	10	290
85122022	LUZES INDICADORAS DE MANOBRAS P/AUTOMOVEIS/OUTS.CICLOS	60	7	102
85123000	APARS.DE SINALIZACAO ACUSTICA UTIL.EM CICLOS/AUTOMOVEIS	77385	36638	1542186
85159000	PARTES DE MAQUINAS E APARELHOS P/SOLDAR,ELETR.	0	341	3754
85161000	AQUECEDORES ELETR.DE AGUA,INCL.DE IMERSAO,USO DOMESTICO	240	64	2122
85163100	SECADORES DE CABELO,ELETROTHERMICOS,USO DOMESTICO	72	59	1633
85163200	OUTS.APARS.P/ARRANJOS CABELO,ELETROTHERM.USO DOMESTICO	42	15	920
85165000	FORNOS DE MICROONDAS,USO DOMESTICO	17551	222574	1176579
85168010	RESISTENCIAS AQUECIM.P/APARS.ELETROTHERM.USO DOMESTICO	250	17	296
85171100	APARS.TELEFON.POR FIO CONJUG.C/APAR.TELEF.PORTAT.S/FIO	9640	5788	337023
85171910	INTERFONES	128	51	1470
85171991	OUTROS APARELHOS TELEFONICOS,N/COMBINADOS C/OUTS.APARS.	136809	100769	1705679
85171999	OUTROS APARELHOS TELEFONICOS E VIDEOFONES	47	71	5928
85173013	CENTRAIS AUTOMAT.COMUT.LINHA TELEF.PRIVADA,C<=25RAMAIS	4	6	606
85173014	CENTRAIS AUTOMAT.COMUT.LINHA TELEF.PRIVADA,25/200RAMAIS	2	1	271
85173062	ROTEADORES DIGITAIS,VEL.INTERFACE SERIAL>4MBITS/S,ETC.	972	717	16660
85175010	MODULADORES/DEMODULADORES (MODENS)	5	3542	124254
85179010	CIRCUITO IMPRESSO MONTADO P/TELEFONIA,ETC.	70	13	1322
85179099	OUTRAS PARTES P/APARELHOS DE TELEFONIA/TELEGRAFIA	0	1	54
85181000	MICROFONES E SEUS SUPORTES	200	40	1654
85182100	ALTO-FALANTE UNICO MONTADO NO SEU PROPRIO RECEPTACULO	51	10	152
85182900	OUTROS ALTO-FALANTES	66798	1785	88135
85189010	PARTES DE ALTO-FALANTES	0	0	11
85199910	APARELHOS DE REPROD.DE SOM,C/SIST.LEIT.OPTICA A "LASER"	2500	548	79375
85209020	OUTS.APARELHOS DE GRAVACAO DO SOM,C/DISPOSIT.REPROD.SOM	400	96	28888
85211081	APARS.VIDEOFON.DE GRAV/REPROD.P/FITAS CASSETES,L=12MM	2398	7794	174478

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR
 SECEX - SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR
 EXPORTAÇÃO BRASILEIRA
 Pauta de exportação do Amazonas – 2006

85219090	OUTROS APARELHOS VIDEOFONICOS DE GRAVACAO/REPRODUCAO	99778	194110	5933975
85229050	MECANISMOS TOCA-DISCOS,MESMO C/CAMBIADOR,P/APARS.REPROD	0	1902	201545
85229090	OUTS.PARTES E ACCESS.P/APARELHOS DE GRAVACAO/REPRODUCAO	0	7	808
85231310	FITAS MAGNET.N/GRAV.6.5<L<=50.8MM,EM ROLOS/CARRETEIS	10800	15017	72083
85243200	DISCOS GRAVAD.P/LEIT.RAIO "LASER",REPROD.APENAS DO SOM	32306	3343	114782
85243900	OUTROS DISCOS GRAVADOS,P/LEITURA POR RAOIO "LASER"	318147	8572	196774
85245300	OUTRAS FITAS MAGNET.GRAVADAS,L>6.5MM	33	6	344
85252022	TERMINAIS PORTATEIS DE TELEFONIA CELULAR	9963327	2952643	692190752
85253090	OUTRAS CAMERAS DE TELEVISAO	14	14	456
85269200	APARELHOS DE RADIOTELECOMANDO	2	0	25
85271390	OUTS.APARS.RECEPT.RADIODIF.COMB.APARS.SOM,PILHA/ELETR.	200	56	28492
85272110	APARS.RECEPT.DE RADIO C/TOCA-FITAS,P/VEICS.AUTOMOVEIS	3810	7082	568273
85272190	OUTS.APARS.RECEP.RADIODIF.C/APARS.SOM,P/VEIC.AUTOMOVEIS	119107	177331	11275944
85273120	OUTS.APARS.RECEP.RADIODIF.C/TOCA-DISCOS/FITAS/GRAVADOR	23706	365177	3246433
85273190	OUTS.APARS.RECEPT.DE RADIODIF.C/APARS.GRAV/REPROD.SOM	29	305	9748
85273910	AMPLIFICADOR COM SINTONIZADOR (RECEIVER)	9380	141011	1384063
85281219	OUTS.RECEPTOR-DECODIF.INTEGR.SINAIS DIG.VIDEO COD.CORES	158394	209738	11264037
85281290	OUTS.APARS.RECEP.TELEVISAO CORES,MESMO C/APARS.SOM/IMAG	513065	9569089	63036470
85291019	OUTRAS ANTENAS,EXCETO PARA TELEFONES CELULARES	1328	670	4800
85299011	GABINETES E BASTIDORES P/APARELHOS TRANSMISSORES/RECEPT	0	8311	614005
85299012	CIRCUITO IMPRESSO MONTADO P/APARELHOS TRANSMISS.RECEPT.	88581	6319	2499585
85299019	OUTRAS PARTES P/APARELHOS TRANSMISSORES/RECEPTORES	0	228479	7675148
85299020	OUTS.PARTES P/APARELHOS RECEPT.RADIODIF.TELEVISAO,ETC.	0	272488	1939026
85299090	OUTS.PARTES P/APARS.RADIOTELECOMANDO/CAMERAS TV/VIDEO	0	48377	848229
85311090	OUTS.APARELHOS ELETR.DE ALARME,P/PROTECAO CONTRA ROUBO	54771	26255	1120561
85318000	OUTROS APARELHOS ELETR.DE SINALIZACAO ACUSTICA/VISUAL	295	130	1374
85319000	PARTES DE APARELHOS ELETR.DE SINALIZ.ACUSTICA/VISUAL	0	322	18683
85321000	CONDENSADOR FIXO P/LINHA ELETR.50/60HZ,POT>=0.5KVAR	2	3	6
85322119	OUTS.CONDENSAD.FIXOS ELETR.DE TANTALO,P/MONTAG.SUPERF.	4796	1	58
85322200	CONDENSADOR FIXO ELETROLITICO,DE ALUMINIO	32968	99	5497
85322310	CONDENSADOR FIXO C/DIELETR.CERAM.1 CAMADA,MONTAG.SUPERF	4226	1	11
85322390	OUTROS CONDENSADORES FIXOS C/DIELETR.CERAM.1 CAMADA	23967236	24072	1010053
85322410	OUTS.CONDENSADORES FIXOS C/DIELETR.CERAM.MONTAG.SUPERF.	13354237	1924	202003
85322490	OUTROS CONDENSADORES FIXOS C/DIELETR.CERAM.	1574	1	1
85322590	OUTROS CONDENSADORES FIXOS C/DIELETR.PAPEL/PLAST.	39239	89	6209
85329000	PARTES DE CONDENSADORES ELETR.FIXOS/VARIAVEIS/AJUSTAV.	0	61	19128
85331000	RESISTENCIAS ELETR.FIXAS,DE CARBONO,AGLOMERADAS/CAMADA	450	0	13
85332110	RESISTENCIAS ELETRICAS FIXAS,P/POT<=20W,DE FIO	5	0	1
85332120	RESISTENCIAS ELETR.FIXAS,P/POT<=20W,P/MONTAG.EM SUPERF.	741004	90	2464
85332190	OUTRAS RESISTENCIAS ELETRICAS FIXAS,P/POT<=20W	22305	5	562
85334011	TERMISTORES	4000	1	44
85334012	VARISTORES	15000	44	1210
85340000	CIRCUITO IMPRESSO	23826	228	75873
85351000	FUSIVEIS/CORTA-CIRCUITO DE FUSIVEIS,P/TENSAO>1000 VOLTS	50	0	3
85359000	OUTS.APARS.P/INTERRUPCAO,ETC.DE CIRCUITOS ELETR.T>1KV	48	29	43
85361000	FUSIVEIS E CORTA-CIRCUITOS DE FUSIVEIS,P/TENSAO<=1KV	1378	643	23265
85362000	DISJUNTORES P/TENSAO<=1KV	1204186	267968	5507008
85363000	OUTS.APARS.P/PROTECAO DE CIRCUITOS ELETR.P/TENSAO<=1KV	31900	10399	527206
85364100	RELES P/TENSAO<=60VOLTS	2015	62	779
85364900	OUTROS RELES,60VOLTS<TENSAO<=1000VOLTS	446962	296773	8773764
85365020	UNIDADE CHAVEAD.DE AMPLIF.HPA P/TELECOM.SATELITE,T<=1KV	1091	285	15881
85365090	OUTS.INTERRUPTORES,ETC.DE CIRCUITOS ELETR.P/TENSAO<=1KV	61492	26283	804750

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR
 SECEX - SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR
 EXPORTAÇÃO BRASILEIRA
 Pauta de exportação do Amazonas – 2006

85369040	CONECTORES P/CIRCUITO IMPRESSO,P/TENSAO<=1KV	1030893	4385	216306
85369090	OUTS.APARS.P/INTERRUPCAO,ETC.P/CIRCUITOS ELETR.T<=1KV	79854	898	98779
85371020	QUADROS C/APARELHOS CONTROL.PROGRAMAVEIS,T<=1KV	1427	404	12646
85389010	CIRCUITO IMPRESSO MONTADO P/APARS.INTERRUP.CIRC.ELETR.	1465	1005	8965
85389090	OUTRAS PARTES P/APARELHOS INTERRUP.CIRCUITO ELETR.	0	371	15753
85392910	OUTRAS LAMPADAS/TUBOS INCANDESC.T<=15V	150	0	9
85401100	TUBOS CATODICOS P/RECEPT.DE TELEVISAO EM CORES,ETC.	185833	1180645	3290126
85409110	BOBINAS DE DEFLEXAO (YOKES) P/TUBOS CATODICOS	2700	2700	17847
85411019	OUTROS DIODOS NAO MONTADOS	20	0	2
85411022	DIODOS MONTADOS P/MONTAG.SUPERF.INTENSID.CORRENTE<=3A	433000	16	3665
85411029	OUTROS DIODOS MONTADOS P/MONTAGEM EM SUPERFICIE ("SMD")	1	0	4
85411091	OUTROS DIODOS ZENER	24000	7	248
85411092	OUTROS DIODOS DE INTENSIDADE DE CORRENTE<=3A	54890	60	12670
85412120	TRANSISTORES C/CAP.DISSIP.<1W,MONTADOS,P/MONTAG.SUPERF.	33115	2	1122
85412191	TRANSISTORES C/CAPACID.DISSIP.<1W,C/JUNCAO HETEROGENEA	50	1	270
85412199	OUTS.TRANSISTORES C/CAP.DISSIP<1W,EXC.OS FOTOTRANSISTOR	3165	30	105
85412920	OUTROS TRANSISTORES,MONTADOS,EXC.OS FOTOTRANSISTORES	15766	289	25608
85413029	OUTROS TIRISTORES,"DIACS","TRIACS",MONTADOS	50559	13	4904
85414029	OUTROS DISPOSITIVOS FOTOSSENSIVEIS SEMICONDUCT.MONTADOS	7	27	0
85422121	MEMORIAS TIPOS RAM ESTAT.C/TEMPO<=25NS,MONTAD	108	57	13
85422122	MICROPROCESSADORES MONTADOS P/MONTAG.SUPERF.	594	3	5656
85422123	MICROCONTROLADORES MONTADOS P/MONTAG.SUPERF.	310	0	4542
85422128	OUTS.MEMORIAS MONTADAS P/MONTAG.SUPERF.	2	0	19
85422129	OUTS.CIRCUITOS INTEGRAD.MONOLIT.DIGIT.MONTAD.	75	0	1703
85422191	OUTS.MEMORIAS TIPOS RAM ESTATICAS TEMPO<=25NS	11	0	74
85422199	OUTS.CIRCUITOS INTEGRADOS MONOLIT.DIGITAIS	3	0	1
85422921	OUTS.CIRCUITOS INTEGRAD.DIGITAIS-ANALOGICOS	134	79	334
85422929	OUTS.CIRCUITOS INTEGRADOS MONOLIT.MONTADOS	39191	177	15590
85438999	OUTS.MAQUINAS E APARELHOS ELETRICOS COM FUNCAO PROPRIA	14381	1807	30999
85443000	JOGOS DE FIOS P/VELAS DE IGNICAO E OUTS.FIOS P/VEICULOS	0	398	1890
85444100	OUTS.CONDUTORES ELETR.MUNIDOS PECAS CONEXAO,TENSAO<=80V	0	801	30167
85444900	OUTROS CONDUTORES ELETR.P/TENSAO<=80V	0	2047	61813
85445100	OUTS.CONDUTORES ELETR.MUNIDOS PECAS CONEXAO,80<T<=1000V	0	50433	560047
85445900	OUTROS CONDUTORES ELETR.80V<TENSAO<=1.000V	0	2955	45354
85472090	OUTS.PECAS ISOL.DE PLASTICO P/MAQS.APARS.INSTAL.ELETR.	0	5311	76708
85479000	OUTS.PECAS/TUBOS ISOLANTES P/MAQS.APARS.E INSTAL.ELETR.	0	0	178
87082999	OUTRAS PARTES E ACESS.DE CARROCARIAS P/VEIC.AUTOMOVEIS	4782	16529	451758
87112010	MOTOCICLETAS C/MOTOR PISTAO ALTERNAT.50CM3<CIL<=125CM3	95829	9572726	127984245
87112020	MOTOCICLETAS C/MOTOR PISTAO ALTERNAT.125CM3<CIL<=250CM3	68270	7755836	138058849
87113000	MOTOCICLETAS,ETC.C/MOTOR PISTAO ALTERNAT.250<C<=500CM3	1013	153976	3051264
87114000	MOTOCICLETAS,ETC.C/MOTOR PISTAO ALTERNAT.500<C<=800CM3	2	356	9800
87120010	BICICLETAS SEM MOTOR	40	564	5122
87141900	OUTRAS PARTES E ACESS.P/MOTOCICLETAS INCL.CICLOMOTORES	0	54228	569454
87163900	OUTROS REBOQUES E SEMI-REBOQUES P/TRANSP.DE MERCADORIAS	2	25000	51000
89019000	OUTS.EMBARCACOES P/TRANSP.MERCADORIAS OU PESSOAS/MERCAD	11	1479	22300
90015000	LENTE DE OUTRAS MATERIAS,P/OCULOS	2162738	86976	4541632
90091210	APARS.DE REPROD.INDIR.DE FOTOCOPIA MONOCROM.ELETRSTAT.	163	31368	479376
90099990	OUTS.PARTES E ACESS.P/APARS.FOTOCOPIA	0	374724	10123424
90101090	OUTS.APARS.E MATER.P/REVEL.AUTOMAT.FILMES FOTOGRAF.ETC.	1	149	6700
90105010	EQUIPAMENTO PROCESSAD.FOTOGRAF.P/TRATAM.ELETRON.IMAGENS	3	2012	114900
90138010	DISPOSITIVOS DE CRISTAIS LIQUIDOS (LCD)	107219	2767	445093
90189099	OUTROS INSTRUMENTOS E APARELHOS P/MEDICINA,CIRURGIA,ETC	3	8	8720

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR
 SECEX - SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR
 EXPORTAÇÃO BRASILEIRA
 Pauta de exportação do Amazonas – 2006

90261021	INSTRUM.E APARS.P/MEDIDA/CONTROLE DO NIVEL,DE METAIS	51	1	9
90261029	OUTS.INSTRUMENTOS E APARS.P/MEDIDA/CONTROLE DO NIVEL	32	6	124
90291010	CONTADORES DE VOLTAS OU DE PRODUCAO/HORAS DE TRABALHO	10	1	291
90292010	INDICADORES DE VELOCIDADE E TACOMETROS	65	31	5136
90299010	PARTES E ACESS.P/INDICADORES DE VELOCIDADE/TACOMETROS	0	54	8511
90308330	APARS.DE MEDIDA DE PARAM.DE SINAIS DE TV,ETC.C/DISP.REG	2	45	8736
90309090	PARTES E ACESS.P/OSCILOSCOPIOS,OSCILOGRAFOS,ETC.	0	27	7522
90318099	OUTS.INSTRUMENTOS,APARELHOS E MAQS.DE MEDIDA/CONTROLE	10	66	2499
90328919	OUTROS REGULADORES DE VOLTAGEM,AUTOMATICOS	1	0	1758
90328929	OUTROS CONTROLADORES ELETRON.AUTOMAT.P/VEIC.AUTOMOVEIS	21	1	224
90328982	INSTRUMENTOS E APARS.AUTOMAT.P/CONTROLE DE TEMPERATURA	2116	341	46558
91021110	RELOGIO DE PULSO,CX.MET.COMUM,FUNC.ELETR.MOSTR.MECAN.	2344	72	65823
91021210	RELOGIO DE PULSO,CX.MET.COMUM,FUNC.ELETR.MOSTR.OPTOELET	1523	288	87616
91021220	RELOGIO DE PULSO,CX.PLASTICO,FUNC.ELETR.MOSTR.OPTOELETR	4954	170	69784
91022900	OUTROS RELOGIOS DE PULSO	43	3	1591
91070010	INTERRUPTORES HORARIOS	300	65	4200
91101110	MAQUINISMO COMPLETO,N/MONTADO,P/RELOGIO PULSO,BOLSO,ETC	1000	2	846
94036000	OUTROS MOVEIS DE MADEIRA	240	9680	4507
95044000	CARTAS DE JOGAR	814834	129159	1261761
95069100	ARTIGOS E EQUIPAMENTOS P/CULTURA FISICA,GINASTICA,ETC.	0	63	609
96020090	OUTS.MATERIAS VEGET/MINER.DE ENTALHAR,TRABALH.OBRAS,ETC	0	45	2180
96032100	ESCOVAS DE DENTES,INCLAS ESCOVAS P/DENTADURAS	5349776	112409	1503701
96081000	CANETAS ESFEROGRAFICAS	118209721	789451	6448692
96082000	CANETAS E MARCADORES,C/PONTA DE FELTRO/PONTAS POROSAS	110684	2450	18208
96084000	LAPISEIRAS	616630	4557	82058
96086000	CARGAS C/PONTA,P/CANETAS ESFEROGRAFICAS	3916000	4662	79010
96089989	OUTRAS PARTES P/CANETAS,LAPISEIRAS,ETC.	0	46	823
96091000	LAPIS	0	138653	902480
96121019	OUTRAS FITAS IMPRESSORAS DE PLASTICO	16391	2968	88943
96122000	ALMOFADAS DE CARIMBO	336	150	1942
96131000	ISQUEIROS DE BOLSO,A GAS,N/RECARREGAVEIS	34520120	788623	7716811
96138000	OUTROS ISQUEIROS E ACENDEDORES	92410	6719	45185
97011000	QUADROS,PINTURAS E DESENHOS,FEITOS A MAO	4	21	6665
99980101	CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/EMBARCACOES	0	4904635	1982912
99980102	CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/AERONAVES	0	587416	470914